

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Programa de Pós-Graduação em Letras

Dissertação de Mestrado

**“VIVÊNCIAS DA
NEGRITUDE FEMININA NA
OBRA “OLHOS D’ ÁGUA”
DE CONCEIÇÃO
EVARISTO”**

JHOSEANNE PORTUGAL DE CASTRO LINS ZEED

Passo Fundo-RS

2024



Programa de Pós-Graduação em Letras

MINTER FUPF/FCR

JHOSEANNE PORTUGAL DE CASTRO LINS ZEED

“VIVÊNCIAS DA NEGRITUDE FEMININA NA OBRA “OLHOS D’ ÁGUA” DE CONCEIÇÃO EVARISTO”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Humanidades, Ciências da Educação e Criatividade da Universidade de Passo Fundo (UPF) para obtenção do título de Mestre em Letras, no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, sob orientação do Professor Doutor Gerson Luís Trombetta.

Passo Fundo – RS

2024

CIP – Catalogação na Publicação

Z43v Zeed, Jhoseanne Portugal de Castro Lins
Vivências da negritude feminina na obra “Olhos d’água” de
Conceição Evaristo [recurso eletrônico] / Jhoseanne Portugal de
Castro Lins Zeed. – 2024.

813 kB ; PDF.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Luís Trombetta. Dissertação
(Mestrado em Letras) – Universidade de
Passo Fundo, 2024.

1. Literatura - Análise do discurso. 2. Negritude - Literatura.
3. Evaristo Conceição, 1946 - Crítica textual.
I. Trombetta, Gerson Luís, orientador. II. Título.

CDU: 82.09

Catálogo: Bibliotecária Juliana Langaro Silveira – CRB 10/2427



PPGL
Programa de Pós-Graduação
em Letras

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação

“Vivências da Negritude Feminina na Obra “Olhos d’água” de Conceição Evaristo”

Elaborada por

Jhoseanne Portugal de Castro Lins Zeed.

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras – Projeto de Cooperação entre Instituições

- Minter FUPF/FCR, da Universidade de Passo Fundo, como requisito final para a obtenção do grau de
Mestre em Letras, Área de concentração: Letras, Leitura e Produção Discursiva”

Aprovada em: 18 de março de 2024.
Pela Comissão Examinadora

Prof. Dr. Gerson Luís Trombetta
Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. Luis Francisco Fianco Dias
Universidade de Passo Fundo

Prof. Dr. Frederico Santos dos Santos
Universidade de Passo Fundo

Prof^ª. Dr^ª. Claudia Stumpf Toldo Oudeste
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui não foi nada fácil, mas cheguei. Agradeço imensamente ao meu Deus Eterno que sempre me conduziu, auxiliou e motivou nos momentos mais difíceis, como também aos meus filhos: João Rodrigo, Rodrigo Junior e Rafaella, que sempre foram minha maior motivação para conquistar este título de Mestra em Letras/Português.

Além disso, sou grata a minha irmã Gigliane Portugal por ter me ajudado no início deste projeto, e grata ao apoio do pai dos meus filhos, Rodrigo Lins.

Então, encerro esses agradecimentos glorificando ao Senhor com essa passagem bíblica: “Porque sou eu que conheço os planos que tenho para vocês, diz o Senhor, planos de fazê-los prosperar e não de causar dano, planos de dar a vocês esperança e um futuro. Então vocês clamarão a mim, virão orar a mim, e eu os ouvirei. Vocês me procurarão e me acharão quando me procurarem de todo o coração. Eu me deixarei ser encontrado por vocês, declara o Senhor.” (Jeremias 29:11-14), pois foi a minha fé em Ti que me direcionou a essa conquista e o amor à minha família.

“A minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra.”

(Conceição Evaristo)

RESUMO

A contemporaneidade traz, por meio de obras literárias, uma visão da realidade, vivenciada por muitos negros no território brasileiro, que se entrelaça com a ficção, especificamente, percebe-se que os contos contidos na obra: Olhos d'água (2014), de Conceição Evaristo (Olhos d' Água, Ana Davenga e Duzu-Querença) apresentam uma reflexão sobre o feminino negro, ou seja, essas narrativas trazem uma reflexão da vida de mulheres negras, carregadas de experiências que adentram no mundo ficcional da escritora Conceição Evaristo. O objetivo desta pesquisa é o de analisar o racismo e as vivências de mulheres negras nas obras/contos de Conceição Evaristo Olhos d'água, Ana Davenga e Duzu-Querença, interpretar as expressões comportamentais e atitudinais das personagens femininas nesse cenário ficcional, que permeia o mundo real. Destaca-se uma dessas experiências sentidas na pele pela própria escritora, resumidas pela mesma num só vocábulo: “escrevivências”. A escrevivência compartilhada pela autora traduz não somente a sua trajetória, mas também a luta diária de milhares de negras brasileiras que buscam várias formas de sobreviver neste cenário repleto de desigualdade social, preconceito e discriminação racial, onde não existe a valorização da negritude feminina e sua contribuição social. Assim sendo, tais significações e ressignificações podem ser apreendidas através do contato do leitor com narrativas contemporâneas como essas. Desta maneira, sob o ponto de vista dos procedimentos e das técnicas, a pesquisa foi de natureza bibliográfica, por meio de material publicado e disponibilizado em livros teóricos e literários, artigos, dissertações e teses. Objetivou-se demonstrar que a leitura literária contemporânea transforma, edifica, questiona, reformula e realiza a transfiguração do imaginário para a realidade, de forma interdisciplinar, transversal e contextualizada. Nesse aspecto, conclui-se que a relação da ficção com a realidade social, nos contos de Conceição Evaristo, evidencia os problemas que afetam a sociedade de uma determinada época, e que a literatura representa a denúncia, o desconforto evidenciado na sociedade por meio da ficção, da poesia e da dramatização, em que o “exagero” permeia esse cenário literário, para mostrar que isso está acentuado no dia a dia das pessoas.

Palavras-Chave: Olhos d'água; Conceição Evaristo; Literatura Contemporânea; Vivências da negritude; Feminismo negro.

ABSTRACT

Contemporary times bring, through literary works, a vision of the reality experienced by many black people in Brazilian territory that intertwines with fiction, specifically, it is clear that the short stories contained in the work: *Olhos d'água* (2014), by Conceição Evaristo (*Olhos d'Água*, Ana Davenga and Duzu-Querença) present a reflection on the black feminine, that is, these narratives bring a reflection on the lives of black women, full of experiences that enter the fictional world of the writer Conceição Evaristo. The objective of this research is to analyze racism and the experiences of black women in the works/stories of Conceição Evaristo *Olhos d'água*, Ana Davenga and Duzu-Querença, interpret the behavioral and attitudinal expressions of black female characters in this fictional scenario, which permeates the real world in the specified tales of this narrative. One of these experiences felt personally by the writer herself stands out, summarized by her in a single word: “writings”. The writing shared by the author reflects not only her trajectory, but also the daily struggle of thousands of black Brazilian women who seek various ways to survive in this scenario full of social inequality, prejudice and racial discrimination, where there is no appreciation of female blackness and its social contribution from yesterday to the present day. Therefore, such meanings and resignifications can be grasped through the reader's contact with contemporary narratives such as these. Thus, from the point of view of procedures and techniques, the research was bibliographic in nature through published material made available in theoretical and literary books, articles, dissertations and theses. The purpose was to demonstrate that contemporary literary reading transforms, builds, questions, reformulates and transfigures the imaginary into reality, in an interdisciplinary and transversal contextualized way. In this aspect, it is concluded that the relationship between fiction and social reality in Conceição Evaristo's stories highlights the social problems that affect society at a given time and that literature represents denunciation, social discomfort, seen in society through fiction, poetry and dramatization, in which “exaggeration” permeates this literary scenario, to show that this is very accentuated in social interaction between people.

Keywords: Water eyes; Conceição Evaristo; Contemporary Literature; Experiences of blackness; Black feminism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 CONCEIÇÃO EVARISTO: O ÍCONE DO FEMINISMO NEGRO LITERÁRIO ...	11
2.1 CONCEIÇÃO EVARISTO: ESCRITORA BRASILEIRA ENGAJADA, LIBERTADORA E EMPODERADA	11
2.2 A NEGRITUDE FOMENTADA POR CONCEIÇÃO EVARISTO.....	15
3 A LUTA E A RESISTÊNCIA DA “MÃE-PAI” NEGRA BRASILEIRA NA NARRATIVA OLHOS D’ÁGUA.....	20
3.1 O LIVRO OLHOS D’ ÁGUA.....	20
3.2 A NARRATIVA OLHOS D’ÁGUA E A QUESTÃO DA IDENTIDADE.....	23
3. ANA DAVENGA: EROTIZAÇÃO NEGRA <i>VERSUS</i> RACISMO ESTRUTURAL .	30
5 DUZU-QUERENÇA: ENTRAVES DA VIDA ENTRE O VIVER OU MORRER?...	39
6 A INTERAÇÃO COMUNICATIVA NOS CONTEXTOS E AMBIENTES DIVERSIFICADOS NOS CONTOS OLHOS D’ ÁGUA	46
6.1 A CONDIÇÃO DA NEGRITUDE E A EXPLORAÇÃO DA MULHER NEGRA.....	46
6.2 ANÁLISE DOS CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO E SEUS REFLEXOS NA SOCIEDADE BRASILEIRA ATUAL	48
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	69

1 INTRODUÇÃO

A prática da leitura é de suma importância na vida do ser humano, pois é através dela que a mente se desenvolve e há o despertar de ideias, visando a construção do conhecimento e o aperfeiçoamento pessoal do leitor pelo ato de ler. Dessa forma, reconhece-se que a leitura é fundamental para a dimensão intelectual, permitindo que o leitor transite por discursos e contextos diversificados.

A realização da linguagem escrita e oral ocorre na vida do homem, por meio de enunciados que vão se constituindo e se realizando nos gêneros do discurso, como contos e relatos, que vão sendo formulados e reformulados diante das interações comunicativas entre nós e os sujeitos envolvidos nelas. Deste modo, a leitura ocorre nas relações com a linguagem e nas dimensões das experiências narradas nos gêneros de discursos diversos. Tais experiências ganham significância por serem exploradas num ambiente social, no qual suas questões ficam evidenciadas, e, assim, recebemos um novo olhar direcionado pela narrativa contemporânea lida, interpretada e analisada.

Perante esse entendimento, o cenário ficcional evidencia o espaço, personagens, sociedade, desafios e conquistas que contribuem para o desenvolvimento intelectual, os quais só podem ser calculados diante do incômodo e das reflexões geradas em cada um de nós leitores.

Esta pesquisa tem por finalidade realizar a interpretação e a exploração de três narrativas contemporâneas que se fazem presentes na obra: “Olhos d’água” (2014) de Conceição Evaristo. Através da escrita literária afro-brasileira e contemporânea da autora, experimentei uma imersão nos cenários e personagens de suas três narrativas: "Olhos d' água" (2014a) "Ana Davenga" (2014b) e "Duzu-Querença" (2014c).

Ao estabelecer conexões com as minhas próprias vivências, percebi que posso me deixar influenciar pelos desafios que me trouxeram até este ponto, mas nunca pelos obstáculos que tentaram me deter. Dessa forma, com base nas correlações estabelecidas entre mim e o tema desta dissertação, o presente trabalho irá contribuir para o campo acadêmico ao analisar a escrita desenvolvida por Conceição Evaristo e suas respectivas características. Nesse sentido, para agregar nas reflexões propostas, absorvo as palavras da autora, a bagagem de

experiências compartilhadas e vivenciadas por mim, pelas mulheres negras da minha família, como minha avó materna Nazareth e minha bisavó Iracema, e pelos meus filhos, que são negros.

A pesquisa investiga a escrita literária de Conceição Evaristo, que possibilita à voz feminina ganhar espaço e intensidade nas entrelinhas de suas três narrativas: Olhos d'água, Ana Davenga e Duzu-Querença, as quais, juntas, expressam e representam o desafio de compreender as vivências das mulheres negras. As histórias narradas nos contos representam vozes femininas nas três fases da vida de cada indivíduo: a infantil, a juvenil e a adulta.

Os contextos contidos nessas três narrativas não só proporcionam as mudanças comportamentais, mas também são determinantes aos leitores para o processo de compreensão do contexto literário dos contos. Então, percebemos que as narrativas apresentam a descrição das características físicas e psicológicas de mulheres negras que, como eu, encaram as circunstâncias cotidianas da vida com muita resistência e determinação.

Assim, cada leitor, vai incorporando e relacionando suas próprias experiências com a das personagens, sendo que, essa relação entre leitor, personagens e cenários pode proporcionar a reconstrução de um indivíduo, tornando-o um ser atuante, crítico e empático na sociedade em que vive. A partir disso, a pesquisa investiga as relações entre os textos de Conceição Evaristo e as percepções acerca das lutas femininas de milhares de mulheres negras, guerreiras, sofredoras e sobreviventes. Sendo assim, caracteriza-se como pesquisa bibliográfica, pois há uma análise sobre a obra de Conceição Evaristo - "Olhos d'Água" e os seus comentadores presentes em livros literários, artigos, dissertações e teses, objetivando uma reflexão crítica.

O desafio foi a interpretação desses contos, visando a reflexão e a compreensão dos contextos sociais que os cercam diante da experiência da autora e de sua vida, relatadas a partir das vivências contidas na subjetividade tanto da escritora como da interpretação literária realizada neste trabalho.

A princípio, o leitor irá observar que, antes de adentrar na análise de uma obra, deve-se investigar todas as possibilidades interpretativas que se apresentam no contexto literário, principalmente, as experiências contidas no contexto das desigualdades, das vivências voltadas à percepção das questões da negritude feminina e de seu empoderamento diante das mudanças

e da realidade. Tais mudanças associam-se e confirmam o real papel da literatura e do direito de cada cidadão, seja branco, pardo ou negro, de ter a equidade de direitos e oportunidades dentro de uma sociedade desigual.

Os Contos de Conceição Evaristo (2014) se destacam pela denúncia e, ao mesmo tempo, por reforçar o poder da mulher negra na sociedade. Por essa razão, trago o estudo de três contos contemporâneos: “Olhos d’Água”, “Ana Davenga” e “Duzu- Querença”, que de maneira poética, oportunizam um diálogo com os leitores, a partir das escrivências das personagens negras da obra: Olhos d’água (2014).

A questão central dessa pesquisa é “como são retratadas as vivências das mulheres negras nos contos: Olhos d’água, Ana Davenga e Duzu-Querença, de Conceição Evaristo?”

Para responder a essa questão foi elaborado o objetivo geral:

- Analisar o racismo e as vivências de mulheres negras nas obras/contos de Conceição Evaristo: Olhos d’Água, Ana Davenga e Duzu-Querença.

Além disso, no decorrer da pesquisa realizada, definiu-se os seguintes objetivos específicos:

- Interpretar as expressões comportamentais e atitudinais das personagens femininas negras nesse cenário ficcional que permeia o mundo real;

- Identificar o leitor, a temática e a identidade das personagens femininas nos contos: Olhos d’água, Ana Davenga e Duzu-Querença;

- Reconhecer a interseccionalidade da escritora Conceição Evaristo e de boa parte das mulheres negras brasileiras.

A par disso, buscamos contribuir no reconhecimento e na correlação entre ambiente ficcional e as vivências do nosso dia a dia em que o corpo feminino negro é discriminado. Os leitores que entram em contato com a obra de Conceição Evaristo são influenciados pelas análises feitas a respeito do contexto social, do preconceito, discriminação. As denúncias relatadas nas obras da autora representam a poesia e a narrativa na acentuação da desigualdade, do racismo, da pobreza que vivenciam as mulheres negras.

2 CONCEIÇÃO EVARISTO: O ÍCONE DO FEMINISMO NEGRO LITERÁRIO

A exclusão faz-se presente no contexto da história brasileira, resultando na repulsa à raça negra e à sua descendência no Brasil. Diante disso, surge no cenário da literatura negra, uma escritora negra mineira, carregada de experiências, que apresenta e confirma o desdém de uma sociedade racista entre nós até os dias atuais.

2.1 CONCEIÇÃO EVARISTO: ESCRITORA BRASILEIRA ENGAJADA, LIBERTADORA E EMPODERADA

Seu nome completo é Maria da Conceição Evaristo de Brito, nascida em 29 de novembro de 1946, em uma favela da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Foi criada por sua mãe, uma lavadeira, e por seu padrasto, um pedreiro, a quem ela considera como pai por tê-la criado.

Mesmo nesse contexto periférico, repleto de desafios cotidianos, Conceição Evaristo sempre foi encorajada a estudar por sua mãe. No entanto, esta acreditava que as escolas próximas não proporcionariam o suporte educacional necessário para que, no futuro, Conceição alcançasse voos mais altos.

Em uma de suas entrevistas e depoimentos, Conceição Evaristo revela a condição de ser uma mulher negra, pobre, estudante de uma classe pobre:

Foi em uma ambiência escolar marcada por práticas pedagógicas excelentes para uns, e nefastas para outros, que descobri com mais intensidade a nossa condição de negros e pobres. Geograficamente, no curso primário experimentei um 'apartheid' escolar. O prédio era uma construção de dois andares. No andar superior, ficavam as classes dos mais adiantados, dos que recebiam medalhas, dos que não repetiam a série, dos que cantavam e dançavam nas festas e das meninas que coroavam Nossa Senhora. O ensino religioso era obrigatório e ali como na igreja os anjos eram loiros, sempre. Passei o curso primário, quase todo, desejando ser aluna de umas das salas do andar superior. Minhas irmãs, irmãos, todos os alunos pobres e eu sempre ficávamos alocados nas classes do porão do prédio. Porões da escola, porões dos navios (Escrevendo o futuro, 2023, p. 1-2).

Por essa razão, mais tarde, sua mãe optou por deixar a filha morar com seus tios. Após ter se formado em uma Escola Normal no início da década de 1970, mudou-se para o Rio de Janeiro para ingressar no magistério público. Conceição Evaristo, morando com seus tios

que não tinham filhos, teve a possibilidade de frequentar escolas renomadas em Niterói, no Rio de Janeiro. Mais tarde, ela foi aprovada em um concurso municipal em Niterói, tornando-se professora de magistério.

Apesar da vida não ter sido generosa para ela e sua família, a escritora nunca deixou de enxergar nos estudos a chave para transformar sua realidade, e assim o fez. Concluiu sua graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1963. Muitos anos mais tarde, em 1996, alcançou o título de mestra em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com a dissertação intitulada "Literatura Negra: Uma Poética de Nossa Afro-brasilidade".

Posteriormente, obteve o título de doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), defendendo, em 2011, a tese intitulada "Poemas malungos, cânticos irmãos", na qual analisou a poesia dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edimilson de Almeida Pereira (2019).

Após inúmeras conquistas, ela destaca para suas descendentes femininas a importância da luta e da resistência, orientando-as a perseverar para, no futuro, desfrutar de momentos positivos. Assim, por meio de sua notável resistência diante dos desafios cotidianos, a autora alcançou reconhecimento e, em 2018, foi homenageada no 61º Prêmio Jabuti, recebendo o título de Personalidade Literária do Ano no Auditório do Ibirapuera, em São Paulo.

Conceição Evaristo, uma mulher negra, brasileira e mineira, é reconhecida por ser poetisa, escritora, romancista, contista e ensaísta. Seu desejo é difundir o conhecimento entre as mulheres negras, destacando a importância de seus ancestrais em sua obra. Em suas criações, ela retrata a luta da figura feminina afro-brasileira que carrega o peso do fardo da condição de “ser mulher negra” em um país preconceituoso, e dia após dia a conduz a persistir, mesmo diante das adversidades do cotidiano.

A intelectual conquistou muitos prêmios, o último foi o prêmio Jabuti, uma das mais importantes premiações literárias do Brasil, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, com a obra “Olhos d’Água” (2014a). Contudo, o prêmio mais almejado pela autora não foi esse, mas, sim, que cada mulher negra tenha voz perante a sociedade na qual está inserida, demonstrando sua força e valor.

A partir do Prêmio “Jabuti”, Evaristo conquistou visibilidade em diversos meios de comunicação. O reconhecimento pela abordagem contemporânea e prosaica de sua escrita literária atinge o público leitor brasileiro, ressaltando seu propósito na literatura atual: inspirar

mulheres negras brasileiras, como eu e você, leitora(s), a persistir e a resistir. Nesse diálogo, há uma nova percepção do fazer e do ser, do refletir e compreender que o seu trabalho representa o protagonismo feminino.

Neste sentido, a obra de Conceição Evaristo repercute a análise de uma sociedade moderna em que o negro não possui vez e, portanto, não é totalmente aceito pelas pessoas, ou seja, , sobreviver que são as novas senzalas, que cultivam o medo dos outros e a curiosidade pelo seu funcionamento (Lima, 2009).

Conceição Evaristo (2020b) é uma escritora singular e impactante na literatura contemporânea brasileira, destacando-se por ser uma mulher negra e feminista. Em suas obras, incorpora a essência da negritude através de narrativas cotidianas que permeiam a sociedade brasileira. Assim, a autora conduz, em sua escrita literária, a uma nova perspectiva entre o universo ficcional e o mundo real, proporcionando ao leitor-pesquisador uma reflexão sobre temas históricos que atravessam décadas, como a interseccionalidade entre raça, gênero, classe e nação.

A escrita representa as suas memórias e o significado da vida cuja gênese da escrita reporta a sua infância, conforme afirma Conceição Evaristo (2020b, p. 52):

Mas digo sempre: creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências. Dos fatos contados à meia-voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor, dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite.

A escritora incorpora na sua escrita literária uma forma de descrever não somente as suas vivências, mas também as de muitas mulheres negras. Dessa maneira, para descrevê-las, criou um termo chamado de “escrevivências” para narrar de forma poética as suas próprias vivências, boas e ruins como a da maioria das mulheres negras brasileiras, conforme ela mesma afirma:

A minha experiência com a escrita se dá desde cedo. As redações escolares, as invenções para escamotear a realidade. Ainda no curso primário, as professoras pediam redações – naquela época, em Minas Gerais, dizíamos composições. Tínhamos de escrever composições com os seguintes títulos: “Um passeio na fazenda de meu tio”, “Minha festa de aniversário”, “Meu presente de Natal”. As solicitações para essas escritas fugiam à minha experiência, mas eu inventava. Ficcionalizava somente a partir do desejo, inventava para escapar daquilo que me era interditado. Depois chegou a fase da adolescência, e hoje penso que se eu não escrevesse e não lesse intensamente nesse período, talvez tivesse adoecido. E falo adoecer no sentido de procurar outras formas de aguentar, de suportar a realidade. O que me salvou de um adoecimento, como quando minha irmã mais velha adoeceu, foi a escrita. A escrita e a leitura. Já no curso primário lia muito. Escrevia também. Terminei o primário ganhando um prêmio de redação (Evaristo, 2020a, p. 33).

Na verdade, Conceição Evaristo, constrói contextos ficcionais que representam sua raça, classe e gênero, para pôr em evidência a pobreza, a luta e a união entre os negros. Com a intenção de mostrar na sua escrita poética e dialogal a busca incessante do negro em almejar viver numa sociedade mais harmônica e justa, onde o respeito ocorra não por exigência da legislação, mas por empatia e afeto.

Dessa forma, entende-se que essas suas escrevivências são responsáveis pela escrita que Conceição Evaristo apresenta na literatura contemporânea brasileira, associadas às histórias de vida de outras mulheres negras próximas a ela e de sua descendência.

A escrita de Conceição evidencia a presença de personagens femininas negras, fortes, guerreiras e determinadas que, em determinadas circunstâncias, precisaram se calar, mas buscaram prosseguir perante as adversidades da vida.

Desse modo, os conceitos sociais são formulados no ambiente familiar, no qual são reproduzidos os princípios ensinados, os quais podem ser mantidos ou revisados perante a visão constituída na identidade de cada um de nós, para Conceição Evaristo (2010, p 2):

Quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu também, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado. A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é alguma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. Escrever e ser reconhecido como um escritor ou como escritora, aí é um privilégio da elite.

Por essa razão, ela relata que as palavras sempre fizeram parte de todos os momentos da sua vida, seja na fala ou nos livros. Quando estava ligada a uma dessas formas discursivas, distraía-se e mergulhava nas narrativas lidas e comenta: “Então gosto de dizer muito que não nasci rodeada de livros, nasci rodeada de palavras”. Em uma das entrevistas realizadas, “*Nasci rodeada de livros*” (Escrevendo o Futuro (07 de ago. de 2023), Conceição Evaristo afirma que, por ser mineira, carrega o hábito de falar muito e contar oralmente suas histórias, como forma de “expurgar” as suas próprias necessidades e dos seus descendentes.

Esses comentários revelam que ao desenvolver as suas reflexões e relacioná-las com a argumentação da intelectual negra bell hooks (2019, p. 111), que considerava a sua escrita como uma determinação forte para a realização discursiva da escrita feminina, há uma voz de resistência contra o domínio frente aos ataques da sociedade capitalista entendendo que “as pessoas negras sabem o que significa ver a educação como prática da liberdade”.

Perante esse olhar, pretendo, diante da escrita prosaica de Conceição Evaristo, mostrar aos cidadãos racistas brasileiros que a raça negra e a sua feminidade não são frágeis como muitos julgam ser, e que o *status* social não traduz o caráter e nem tão pouco o valor de ninguém.

2.2 A NEGRITUDE FOMENTADA POR CONCEIÇÃO EVARISTO

O destaque conferido ao diálogo realizado por Conceição Evaristo, inicialmente, revela a resiliência da mulher negra brasileira. Nas entrelinhas, a autora retrata mulheres negras que possuem a habilidade de aprimorar suas vidas, enfrentando com resiliência os desafios diários e buscando o caminho mais promissor para um destino melhor para cada uma.

Assim, a mãe descrita no conto: “Olhos d’água” (2014a), representa milhares de outras mães negras brasileiras que resistem aos entraves diários da vida para tentar criar seus filhos da melhor maneira possível. Por esse motivo, em sua escrita literária, a autora ilustra experiências ligadas à negritude, em diversos contextos, destacando a presença de mulheres negras brasileiras em todos esses cenários, e como superar os desafios cotidianos impostos pela vida contemporânea.

Diante do que foi exposto, é importante mencionar uma das frases célebres ditas por Conceição Evaristo: “Minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra” (Nexo

Jornal, 2021). Percebe-se que o uso e o emprego da palavra “contaminada” enfatizada direciona o indivíduo e a sociedade a conhecer os costumes, as riquezas e as lutas travadas pela população afro-brasileira, e como ela se constituiu mestiça, enfatizando a nossa história, cultura e literatura.

Nesse contexto, a produção literária de Conceição Evaristo tem desempenhado um papel significativo tanto no âmbito acadêmico como no docente e discente, ao narrar e evidenciar as lutas enfrentadas pelas mulheres negras brasileiras. Esse legado tem sido disseminado através da sua literatura que busca representar distintas épocas, cidadãos, contextos e circunstâncias.

Dessa forma, ao estudar e analisar contos contemporâneos, nós, como leitores, passamos a adquirir uma compreensão ampla do verdadeiro papel da literatura em uma sociedade. Isso nos permite compreender por que ela existe e continua a prosperar nos dias de hoje, reconhecendo que o mundo real está sempre entrelaçado com as experiências imaginárias e vivências do escritor.

Candido (1976) expõe que a obra literária e seus fatores sociais possuem uma interconexão, encontrando-se lado a lado. O autor destaca o momento em que a figura do mulato e do negro passaram a integrar de maneira definitiva o panorama ficcional da literatura afro-brasileira. Candido (1976, p. 84) observa que: "O mulato e o negro são definitivamente incorporados como temas de estudo, inspiração, exemplo. O primitivismo é agora fonte de beleza e não mais empecilho à elaboração da cultura. Isso, na literatura, na pintura, na música, nas ciências do homem".

As narrativas que envolvem a realidade, no contexto verbal, destacam-se pela percepção e pela interpretação envolvendo as palavras que definem a interseccionalidade, tornando-as mais leve. Hoje, a dor proveniente dos desafios superados se converte em empoderamento feminino, tema discutido por Akotirene (2018), que aborda a negligência histórica dirigida ao feminismo negro desde os tempos da colonização até os dias atuais. Isso se contrapõe à hegemonia heteropatriarcal, que prevaleceu por longos períodos sob diversas formas de poder, como o monárquico, o capitalista ou o democrático (Akotirene, 2018, p.28).

Diante desse contexto, o termo 'interseccionalidade' emerge, apontando para a exclusão das complexidades diversificadas que desafiam a sociedade imposta a mulheres negras, pessoas gordas, negras, imigrantes, deficientes e outros grupos com identidades distintas. Como observado por Akotirene (2018), o padrão moderno impôs essas alegorias humanas diferenciadas em sua aparência. Assim sendo, as mulheres negras brasileiras podem

se sentir assistidas e representadas pela escrita literária dessa autora, percebendo que não devem condenar sua vida toda e defini-la como um desastre, por terem tido experiências negativas. Mas, a partir de suas vivências, extrair um aprendizado que as levem a prosseguir em busca de uma vida mais digna.

As personagens femininas desenvolvidas por Conceição Evaristo são representações de mulheres reais, como eu e você, leitora-negra. Personagens negras que traduzem nas narrativas de suas entrelinhas, as nossas trajetórias de vidas, tanto de nossos antepassados como de nossos descendentes.

O Brasil devido ao processo colonizatório, que foi sustentado a partir da escravização de pessoas negras e indígenas, tem cicatrizes profundas, principalmente, nas mulheres negras. Esse passado contribuiu para a disseminação de preconceito contra essa população e seus descendentes, que agora integram o que hoje é a nação Brasileira que segundo Nunes (2006, p. 91):

Mudaram as aparências, mas a essência das relações sociais não mudou. A atitude do Estado para a situação do negro “liberto” sempre foi omissa: a miséria material, a discriminação e a humilhação vividas pelos afrodescendentes são reduzidas à culpa deles mesmos, por meio de uma manobra ideológica que transforma o que é da esfera das relações de poder em algo natural, inerente à raça.

As relações sociais ainda estão muito instáveis e devem ser observadas do ponto de vista de que o racismo ainda é um objeto voltado a novas tentativas de igualdade, as quais exigem um elemento de transformação de políticas públicas, que comumente se manifestam em ações pouco efetivas em nossa sociedade.

Nesse sentido, o preconceito surge de uma ação individual, a qual se construiu em um âmbito familiar, estruturando julgamentos a qualquer pessoa por sua interseccionalidade.

Diante disso, Conceição e Jesus, mulheres e escritoras negras trazem em sua escrita literária uma repugnância a esses julgamentos, que desrespeitam a sua descendência e a força que sua raça vivencia no dia a dia nas favelas brasileiras.

Ademais, encontra-se não somente na narrativa de *Olhos d'água* (2014a), como nas demais narrativas, Ana Davenga (2012b) e *Duzu-Querença* (2014c), e também, na obra denominada “*Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*” (Jesus, 1960). Ambas obras, relatam episódios diários de luta e perseverança de mulheres negras e pobres - personagens brasileiras

negras e periféricas, cada uma com a vivência de situações que demonstram o sofrimento e as dores da miséria, da rejeição e do perigo, que circunda a vida delas e de tantas outras mulheres negras brasileiras.

Dessa forma, essas obras enfatizam a força e a perseverança da mulher negra brasileira em resistir as circunstâncias dolorosas cotidianas, para se manterem de pé e prosseguirem em busca de dias melhores para si e suas famílias.

As escrevivências de Conceição se agregam a de Jesus, e ganham vitalidade, quando compartilhada com suas leitoras negras, para que estas relutem nos dias ruins, e venham almejar por uma amanhã promissor.

Assim, as circunstâncias vividas tanto dessas escritoras como das suas leitoras vão sendo compartilhadas, e passam a ser coletiva, com a confirmação de resistência e força da mulher negra brasileira em meio as dificuldades diárias da vida.

Partindo da ideia a autora Conceição Evaristo compartilha, em entrevistas realizadas pelo Brasil, que suas raízes são originadas em uma favela, em Belo Horizonte, chamada “Pindura Saia”, situada na região centro-sul da capital mineira, um local desprovido de expectativas para seus moradores e permeado pela latente presença da miséria (Evaristo 2020a). Assim, a escritora reconhece que seus textos têm origem na tradição oral das narrativas dos povos afro-brasileiros. Sua escrita visa registrar as histórias e relatos orais cotidianos, preservando as memórias das vivências. Em resumo, compartilhamos das "escrevivências" que representam a essência de cada um de nós, negras(os) (Souza e Silva, 2020).

Com o jeito peculiar de contar histórias, Conceição Evaristo traz à tona um hábito que está em desuso atualmente: a oralidade em palavras escritas. As pessoas modernas, incorporadas ao universo tecnológico, deixaram essa forma discursiva de lado e incorporaram outras. Contudo, Evaristo vem com sua escrita literária diferenciada, com ênfase no discurso oral, para revelar a importância do falar e do trocar experiências por meio do diálogo.

Dessa maneira, a coletividade entra em cena nas narrativas dessa escritora, para dar espaço à propagação das vozes-femininas, com histórias que ocorrem no cenário diário de mulheres negras como você e eu, leitor(a) (Evaristo 2020a). Assim, o entre-lugar é proposto nos contos, para enfatizar as diferenças culturais entre o colonizador e o colonizado e afirmar que essas posições distintas não são individuais, porém coletivas.

Incorpora-se, portanto, um diálogo que proporciona uma reflexão que vai desde os tempos da colonização até a atual condição da mulher negra, com ressalva que hoje estão persistindo às adversidades da vida, pois a liberdade pertence a elas, e a interseccionalidade deve ser respeitada e aceita sem repúdio.

3 A LUTA E A RESISTÊNCIA DA “MÃE-PAI” NEGRA BRASILEIRA NA NARRATIVA *OLHOS D’ÁGUA* (2015), DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Esta seção trata a respeito dos conceitos e ambientes que são identificados no conto: “Olhos d’Água” (2014a), de Conceição Evaristo. Para dar voz aos indivíduos que habitam as periferias, faz-se necessário “cuspir” vocábulos que, bem sincronizados, denunciam a desigualdade social, que atinge de todas as maneiras os mais pobres e negros.

3.1 O LIVRO OLHOS D’ÁGUA

O livro escrito por Conceição Evaristo em 2014 foi publicado pela editora Pallas, em um escrito da Fundação da Biblioteca Nacional do Ministério da Cultura, em parceria com a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República.

A obra da escritora teve uma repercussão positiva e se consagrou pela temática da pobreza e da violência. O livro impressiona pelas diversas formas de violência sofridas nas histórias “Ana Davenga”, “Duzu-Querença”, “Maria”, “Quantos filhos Natalina teve?”, “Beijo na face” e “Luamanda”. No conto “Olhos d’Água” há também questões a respeito da pobreza e da violência urbana, enfatizadas, sobretudo, nos muitos personagens, dentre eles, mulheres, crianças e homens.

A narrativa apresenta e problematiza a condição da mulher negra a partir do contexto social, este que está representado pela voz da narradora do conto “Olhos d’Água”:

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando minha mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis, em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. [...]. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? (Olhos d’Água, 2014a, p. 16-17).

Nesse contexto em que a ficção e a realidade se cruzam, a literatura realiza o seu papel de representar o uso da linguagem, seja escrita ou falada, causando no leitor uma experiência única.

Conceição (2014a) enuncia a tomada de consciência presente em seus escritos do Conto “Olhos d’água”. Os olhos refletem a cor dos olhos de sua Mãe, e ela questiona: “Mas de que cor eram os olhos e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande sofrimento de minha mãe?”, ela responde:

E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento resolvi deixar tudo e, no dia seguinte, voltar à cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos. Assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivia a sensação de - -. estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser a descoberta da cor dos olhos de minha mãe. E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi? Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe • tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água. Águas (Olhos d’Água, 2014a, p. 18).

A celebração da vida e tomada de consciência são aspectos presentes nos contos do livro estudado no presente trabalho e são recuperados criticamente rumo à desmistificação, demonstrando que a gênese mestiça e sincrética da sociedade brasileira não implica, necessariamente, em generosidade, e que “a produção dos meios de vida e as relações de poder, a esfera econômica e a esfera política, reproduzem-se e potenciam-se toda vez que se põe em marcha um ciclo de colonização” (Bosi, 1992, p. 29). Assim, é imprescindível pensar que as relações de poder são presentes nos discursos proferidos por Conceição Evaristo.

Com base nisso, destaca-se a escrita contemporânea da intelectual, que penetra nos lares e nas mentes de leitores diversos, abrangendo diferentes faixas etárias, raças e classes sociais. Sua abordagem, por vezes sutil e, posteriormente, mais incisiva, assume o papel de representante na denúncia de problemas sociais que afetam e desonram a condição humana. Suas narrativas provocam cicatrizes muitas vezes irreparáveis nos indivíduos, especialmente, naqueles que são negros e brasileiros.

Partindo disso, essa autora traz nas suas histórias ficcionais contemporâneas o diálogo ligado à realidade do meio social, que permite que seus personagens surjam e ocupem seu espaço. Assim, a trama segue, condicionando o leitor a refletir acerca do racismo, da negritude, da questão feminista e muitas outras temáticas que precisam ser abordadas e discutidas, com a intenção de refletir sobre uma sociedade mais igualitária e harmônica. Portanto, algo é acrescentado, incutido na mente do leitor, que o incomodará e provocará mudança no seu comportamento, transformando-o em um ser mais empático e justo com os outros.

Assim, por meio da apreciação da leitura dos contos supracitados, ao perceber como a escritora faz o uso da linguagem, o indivíduo tem contato com situações cotidianas que o tocam e possibilitam perceber que tais problemas sociais são coletivos. Em vista disso, o diálogo ganha significância entre personagens e leitor, quando expressa nas suas entrelinhas as lutas diárias, as circunstâncias vivenciadas por cada personagem e, nessa relação, cruzam-se as experiências de cada um. A partir de então, o enredo começa a possuir significado, e o extraído, da obra lida, gera novas experiências que moldarão e irão alinhar novas práticas cotidianas.

Dessa forma, há uma contribuição literária que auxilia na compreensão de pensamentos preconceituosos que prejudicam a própria existência humana. Ao manifestarem atitudes racistas, revelam uma suposta superioridade oriunda de uma considerável parte da população branca brasileira. Por consequência, nossa sociedade está repleta de desigualdades em diversas áreas que compõem a vida humana, seja no âmbito familiar, amoroso, profissional, educacional, entre outros. Nesse contexto, a justiça e a empatia, frequentemente, cedem lugar à perpetuação da diferença acentuada entre as classes sociais estabelecidas no convívio social. Muitos racistas não toleram o contato com pessoas negras, além de menosprezá-las devido à sua interseccionalidade.

Assim, os cenários reais e ambientes fictícios vão se entrelaçando na mente do leitor com suas próprias vivências e as daqueles ao seu redor. Nesse processo, contextos e ambientes comuns convergem, revelando e expressando as experiências de cada parte envolvida: o escritor, os personagens e os leitores.

3.2 A NARRATIVA OLHOS D'ÁGUA E A QUESTÃO DA IDENTIDADE

A princípio, na narrativa *Olhos d'água*, nota-se que há uma relação entre título e contexto, que são permeados por uma indagação constante entre a narradora e a personagem primogênita: - mas qual seria a cor dos olhos de minha mãe?

Ao longo do caminho da narrativa *Olhos d'água*, tal pergunta é respondida, de maneira conotativa, quase no seu desfecho, com a concretização da fala da personagem-narradora: “[...] Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum [...]” (*Olhos d'Água*, 2014a, p. 14).

A personagem, a filha, já adulta, e com condições financeiras melhores, finalmente, constatou que os olhos de sua mãe eram castanho-escuros, da cor das correntezas de um rio - estes apaziguantes mesmo diante das adversidades da vida (reação habitual da sua mãe perante os entraves vivenciados).

Juntamente da indagação e sua respectiva resposta, há a violência, que é mais implícita nas lembranças da infância, marcadas pela fome e pela condição feminina das personagens. “Ela havia nascido num lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos” (*Olhos d'Água*, 2014a, p. 16). Ao indagar acerca dos olhos da mãe, a narradora busca uma forma de voltar às origens e resgatar sua identidade, perpassando também pela violência que as rodeia.

No primeiro parágrafo dessa narrativa, a personagem narradora começa a contar sua história, de forma agonizante, apegada às circunstâncias vividas no passado, o que gera incômodo dentro de si.

Em curto espaço de tempo, focaliza-se quais outros personagens encontram-se nessa narrativa, confirma-se que quem narra é a filha primogênita através deste trecho: “- Sendo a primeira de sete filhas”, e evidencia sua identidade como “... desde cedo busquei dar conta de minhas próprias dificuldades.” (soube lidar com os problemas da melhor maneira), e afirma, com exatidão, “cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha

mãe” (descreve que a fase juvenil fora breve devido ter auxiliado sua mãe a “criar” suas irmãs.) (Olhos d’Água, 2014a, p. 11).

Por fim, chega-se a deduzir que as duas: mãe e filha, mais velhas, exerciam o papel de mãe e pai de maneira incessante e sofrida dia após dia. Posteriormente, existe a confirmação de que a filha primogênita, ao ajudar sua genitora, aprendia com ela, mas também a observava, detalhadamente, assim relatando: “[...] aprendi a conhecê-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldade, como também sabia reconhecer, em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias [...]” (Olhos d’Água, 2014a, p. 11).

Isso conduz o leitor a compreender que o dia a dia era difícil, mas enfrentado com calma, e o silêncio era característica evidente na face da personagem mãe. Porém, isso não as impedia de compartilhar alguns momentos de risos juntas. Esses momentos ficam evidentes na descrição detalhada das brincadeiras infantis que a mãe realizava com ela e suas outras irmãs:

brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava.” (descrevendo que nessa brincadeira, sua mãe era a própria protagonista - a boneca.) Nisso, tais diversões ocorriam, quando sua mãe deixava “de lado” seus afazeres para fora, o que sugere com essa passagem do texto: [...] quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupas alheias e se tornava uma grande boneca negra para as filhas [...] (Olhos d’Água, 2014a, p. 11).

Diante desses momentos, apesar das adversidades, de certa forma, consideravam-se “felizes”, por juntas sempre estarem. O riso surgia, espontaneamente, fazendo todas esquecerem como viviam diariamente. (Olhos d’Água, 2014a, p. 11), “ A mãe e nós rimos e rimos e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto, das lágrimas escorrerem.”

Em consonância com o divertimento delas, a personagem-narradora remete à memória, de forma breve, algumas histórias da fase infantil de sua genitora com este trecho: “Eu me lembrava também de algumas histórias da infância da minha mãe” (nessa passagem, não menciona quais seriam essas histórias.).

Mais adiante, adentra em outro cenário que focaliza à origem de sua mãe e como, naquela época, viviam as crianças naquele lugar: “Ela havia nascido em lugar perdido, no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas” (nesse trecho descritivo, chega-se a entender que, quando faz referência a um “lugar perdido”, quer dizer,

uma cidadezinha qualquer, no fim do nada, esquecida por todos, do interior, onde as crianças viviam em condições precárias, em que a vestimenta foi ocultada dessa fase delas.) (Olhos d'Água, 2014a, p. 11).

Em seguida, a narrativa prossegue evidenciando e justificando que tais crianças que moravam na cidade (no interior de Minas) pertenciam a uma classe social desprovida de recursos financeiros, por isso enfatiza: “As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos” (explicando que os meninos permaneciam nus até a fase adulta, e as meninas, não, porque em função do “nascer” dos seios, vestiam-se mais cedo com as roupas doadas), (Olhos d'Água, 2014a, p. 11).

Frente a essa realidade, a personagem narradora sente que a sua história se mescla com a de sua mãe, ao relatar: “Às vezes, as histórias da minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância” (Olhos d'Água, 2014a, p. 11). Perante isso, afirma o que diz, ao empregar na sua fala o verbo “confundiam-se” que, conjugado dessa forma, remete à realidade vivida e sofrida por ambas - mãe e filha - em épocas distintas; porém numa mesma fase de suas vidas, a infância.

Dessa forma, descreve a voz narrativa da protagonista, as recordações dessa infância difícil, tão presentes no seu consciente, como demonstra o trecho: “Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum”. Isso demonstra, que muitas vezes, as panelas estavam vazias, não tinha o que sua mãe cozinhar, por isso não teria como “sentir” o cheiro de algo que não existia.

Dentro desse relato, nas suas entrelinhas, é incutido na mente do leitor que a fome e a miséria eram dolorosas, e as deixavam imaginando o degustar de muitas comidas. Apavoradas, quando o alimento faltava, alimentavam-se do imaginável. Tal situação é confirmada neste trecho: “Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento” (Olhos d'Água, 2014a, p. 11).

Nessa possível imaginação, há o narrar de como a mãe cozinhava, assim: [...] as labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida [...] (Olhos d'Água, 2014a, p. 12).

Percebe-se que, no fogo à lenha, havia dentro da panela apenas água fervendo, por isso cheiro algum poderia exalar. Ainda é possível explicar que a utilização da expressão “salivar

sonho de comida” remete à compreensão de que para “enganar” o estômago, elas brincavam com as línguas como se estivessem comendo o que desejavam.

Para denotar que a falta de alimento comprometia o comportamento delas, no dia a dia, com a frustração por não ter comida, tem-se, nesse trecho do texto, o emprego da palavra “debochar”, em que a culpa recai sob as labaredas das lenhas queimadas (o fogo).

Contudo, conclui-se que essa culpa foi ocasionada pelas circunstâncias da vida, as quais desencadearam os rastros deixados da desigualdade social acentuada na vida dessas mulheres. Mas, aqui, ressaltando essa divisão social, principalmente, nas cidades localizadas no interior de Minas Gerais.

Adiante, a filha primogênita juntamente com suas irmãs demonstra o respeito, a admiração e o amor que tem por sua mãe, que as chamam de “senhora”, ao brincar em um pequeno terreno com algumas flores cultivadas, principalmente, nos dias mais difíceis. Em seguida, colocam-a sentada num pequeno banquinho de madeira, e a enfeitam com flores colhidas nas redondezas. Nessa brincadeira entre mãe e filhas, a mãe era a rainha, as filhas, as princesas, juntas, elas cantavam, sorriam e dançavam.

Ora, a literatura provoca algo no leitor que o leva a refletir sobre o enredo lido, e a enxergar possíveis saídas para inquietações. Contudo, é possível voltar ao passado, para explicar que esse desrespeito à existência humana, especificamente, a divisão social, surgiu devido fatos históricos-sociais entre décadas, que com o passar do tempo, consolidaram-se, e seus resquícios circundam, até hoje, na nossa sociedade atual.

O uso de adjuntos e locuções adverbiais segundo a norma culta apresentam a localização circunstancial de uma ação. Sendo estes termos acessórios, fundamentais para trazer a informação da situação cronológica do tempo vivenciado pelos personagens na narrativa, seja este passageiro ou não.

A presença de adjuntos e locuções adverbiais perante toda trama permite situar os acontecimentos, demarcando-os como: “[...] Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se sentava na varanda na soleirada porta e, juntas, ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Um viravam carneirinhos, outras, cachorrinhos

[...]” (Olhos d’Água, 2014a, p. 12), nessa passagem do texto, indica que era frequente, à tardezinha, elas estarem juntas, observando a arte desenhada pelas nuvens no céu.

Ao observar, e contemplar o desenho configurado por essas nuvens, avistavam nela até algodão-doce, pois a vontade delas de comerem esse doce era imensa, que o imaginavam e movimentavam os braços para alcançá-los. Dessa maneira, relata:

e havia aquelas que eram só nuvens, algodão-doce. A mãe, então, espichava o braço, que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós” [...] “Tudo tinha de ser rápido, antes que a nuvem derretesse com ela os nossos sonhos se esvaecessem também” (Olhos d’Água, 2014a, p. 12).

O 5º parágrafo desse enredo, apresenta o ambiente habitado pelas personagens desse conto, a moradia precária delas, com telhas furadas, bem comprometidas. Diante disso, em uma possível favela, onde o desabamento poderia ocorrer nos dias de temporais, ela descreve: “do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. O que era possível fazer era sentir o afeto da mãe, e esperar a tempestade passar [...]” (Olhos d’Água, 2014a, p. 12).

Esses dias de tempestade, o barulho das lágrimas da sua mãe confundiam-se com a chuva, a personagem narradora enfatiza: “E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva. Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos, os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia!... [...]” (Olhos d’Água, 2014a, p. 12). Desse modo, evidencia-se nesse trecho que a moradia delas era bem frágil, chovia mais dentro do que fora.

Adiante, aquela pergunta que rodeia toda narrativa volta a atormentar a mente da filha primogênita, que sai de sua terra natal em busca de condições de vida melhores para si, sua mãe e irmãs. Ela consegue construir uma nova vida, em um outro estado, e ajudar a família à distância. O distanciamento físico nunca a impediu de reconhecer a importância de sua família:

[...] Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família [...]” (Olhos d’Água, 2014a, p. 12).

Perante essa realidade de luta diária, ressalta a filha primogênita que nos dias ruins, ela, mesmo assim, cantarolava seus ancestrais como forma de gratidão pelas batalhas vencidas, como frisa “[...] E também, naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantassabedorias [...]” (Olhos d’Água, 2014a, p. 12).

Ainda atormentada com a pergunta que circula em torno da cor dos olhos de sua mãe, relata, no seu retorno à cidade natal, que era preciso olhar, atentamente, a face da sua genitora, e assim, nunca mais ter dúvida da cor deles como:

[...] tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento resolvi deixar tudo e, no dia seguinte, voltar à cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos [...]” (Olhos d’Água, 2014a, p. 12-13).

Então, a filha mais velha angustiada pela pergunta que atormentava sua mente resolve retornar às suas origens: “naquele momento resolvi deixar tudo e, no dia seguinte, voltar a cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos” (Olhos d’Água, 2014a, p. 13).

A primogênita voltou; fez o que precisava ser feito, e isso lhe trouxe certo alívio e satisfação: “Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivía a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser a descoberta da cor dos olhos de minha mãe” (Olhos d’Água, 2014a, p. 12).

Há aqui a retomada do início da viagem que levou muito dias até chegar na sua terra natal, para descobrir qual era a cor realmente dos olhos de sua mãe assim: “após longos dias de viagem para chegar a minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi?” (Olhos d’Água, 2014a, p. 13).

Quando a narradora-personagem avistou e olhou, profundamente, para a face de sua mãe, detectou só lágrimas, mesmo assim, ainda o sorriso estava presente:

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto [...] (Olhos d’Água, 2014a, p. 13).

Contudo, eram tantas lágrimas que pareciam rios “caudalosos”. Em meio a isso, há a comprovação da cor dos olhos de sua mãe - que eram águas correntezas.

Além disso, nessa descoberta realizada, a primogênita compara a cor dos olhos de sua mãe a águas de Mamãe *Oxum*, assim, denotando águas correntezas resistentes e profundas, onde seu ar superficial camufla as fases vivenciadas por elas, como a força de resistência de Mamãe *Oxum* como “Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum” (Olhos d’Água, 2014a, p. 13).

Domício Proença Filho (2004, p. 18) traz uma abordagem contextualizada e compreensível da literatura negra no Brasil, com menção à vinculação desta à discussão da expressão empregada de literatura afro-brasileira:

Em sentido restrito, considera-se negra uma literatura feita por negros ou por descendentes assumidos de negros e, como tal, reveladora de visões demundo, de ideologias e de modos de realização que, por força de condições atávicas, sociais, e históricas condicionadoras, caracteriza-se por certa especificidade, ligada a um intuito claro de singularidade cultural. Lato sensu, será negra a arte literária feita por quem quer que seja, desde que centrada em dimensões peculiares aos negros ou aos descendentes de negros (grifos do autor).

Nesse aspecto, Conceição Evaristo (2014a), em sua Literatura afro-brasileira, traz a configuração do feminismo como um processo de resistência e de ressignificação de lutas. Assim, é possível compreender que “O feminismo, em Olhos d’Água, é entendido por Perreira e Lisboa (2019, p. 169) como “luta, resistência e denúncia das marcas de um poder que solapa a “existência” individual e coletiva das mulheres habitantes das periferias urbanas brasileiras”.

Essa afirmativa pode ser compreendida a partir das reflexões decoloniais abordadas nos discursos, principalmente, nos discursos feministas. Assim sendo, a obra representa o grito das populações afro-brasileiras que estão marginalizadas e propensas a um contexto de violência.

Essa afirmação, relata e dar veracidade que trata-se de um contexto histórico-social estruturado, infelizmente, em relatos de uma violência física e simbólica, estes estando sustentados à margem dos silenciamentos históricos provenientes da escravidão e em consequência do racismo.

4. ANA DAVENGA: EROTIZAÇÃO NEGRA VERSUS RACISMO ESTRUTURAL

A intitulação dada ao conto “*Ana Davenga*” (2014b) denota que se trata de uma senhora casada que carrega o sobrenome do seu esposo “Davenga”, aspecto comum até os dias atuais, servindo como forma de afirmar que é uma senhora aos olhos da sociedade.

A trama gira em torno de um ambiente periférico – mais precisamente – uma favela, “O barraco de Davenga era uma espécie de quartel-general, e ele era o chefe. Ali se decidia tudo [...]” (Ana Davenga, 2014b, p. 22), onde todos que ali habitam se conhecem, e boa parte deles servem ao mundo do crime, com ou sem vontade, comandados por Davenga – o chefe. Davenga é um negro que é um dos “chefões” do mundo obscuro, provido de irregularidades, imprevistos, medos e desafios diários, que impactam sua sobrevivência e daqueles que o servem.

Davenga, chefe rígido como descreve Conceição Evaristo: “Davenga não era homem de tais modos! Ele até brincava; porém, só com os companheiros. Assim mesmo de uma brincadeira bruta. Socos, pontapés, safanões, tapas, “seus filhos da puta [...]” (Ana Davenga, 2014b, p. 22). Assim, a autora considera que o bem-apanhado, “Bonito o Davenga vestido com a pele que Deus lhe deu. Uma pele negra, esticada, lisinha, brilhosa [...]” (Ana Davenga, 2014b, p. 22), é atraído por Ana, pela sua beleza escultural negra, a qual o encanta, fazendo com que ela se torne sua esposa. A partir dessa comunhão, ela começa a observar como funciona o mundo do crime sob a administração do seu cônjuge.

Conceição Evaristo considera que Davenga era um homem bom, mas quando provocado, tornava-se um homem mau, sem piedade de ninguém: “Davenga era bom. Tinha um coração de Deus, mas, invocado, era o próprio diabo[...]” (Ana Davenga, 2014b, p. 22).

Os comparsas de Davenga na criminalidade, no quartel-general administrado por Davenga, a princípio, assustaram-se e não concordaram com a presença de uma mulher no mesmo ambiente e uma possível mudança de comando criminal. Isso se comprova nesta passagem da narrativa: “[...] E de repente, sem consultar os companheiros, mete ali dentro uma

mulher. Pensaram em escolher outro chefe e outro local para quartel-general, mas não tiveram coragem. [...]” (Ana Davenga, 2014b, p. 22).

Então, para demonstrar que tudo seguia normalmente, sem mudanças nas proezas criminais que executava com seu bando: “[...] Davenga comunicou a todos que aquela mulher ficaria com ele e nada mudaria. Ela era cega, surda e muda no que se referiaa assuntos deles. [...]” (Ana Davenga, 2014b, p. 22).

Além disso, revelou ser um homem cruel e ciumento ao falar “[...] queria dizer mais uma coisa: qualquer um que bulisse com ela haveria de morrer sangrando nas mãos dele feito porco capado. [...]” (Ana Davenga, 2014b, p. 22).

A partir de então, Ana deveria ser vista como “irmã” para todos daquele quartel-general como seu chefe Davenga ordenava:

[...] Os amigos entenderam. E quando o desejo aflorava ao vislumbrar os peitos-maçãs salientes da mulher, algo como uma dor profunda doía nas partes de baixo deles. O desejo abaixava então, esvanecendo, diluindo a possibilidade de ereção do prazer. E Ana passou a ser quase uma irmã que povoava os sonhos incestuosos dos homens comparsas dos delitos e dos crimes de Davenga. [...] (Ana Davenga, 2014b, p. 22)

Em uma das descrições dessa narrativa, a quantidade das batidas na porta relatavam a identificação de quem poderia ser: seu parceiro ou outros. Dessa forma, aqui, a escritora faz o uso do emprego da figura de linguagem chamada de Onomatopeia (comum nos relatos orais). Essa criação simbólica no enredo permite perceber que a ação foi executada, com som perceptível diante da intensidade de toques/batidas dadas na porta.

Recurso linguístico empregado para expressar a tensão da ação vivenciada pelo personagem, de como Ana Davenga sentia-se a cada batida da porta, e se esta sabia como cúmplice do crime decifrar quem estava “batendo na sua porta” pela intensidade de som emitida pela quantidade de toques executados.

Dessa forma, tal simbologia sonora faz menção àqueles que permeiam o mundo do crime, que de certa forma, criam estratégias para se comunicarem e se prevenirem de certos confrontos que possam surgir:

As batidas na porta ecoaram como um prenúncio de samba. O coração de Ana Davenga naquela quase meia-noite, tão aflito, apaziguou um pouco. Tudo era paz então, uma relativa paz. Deu um salto da cama e abriu a porta. Todos entraram, menos o seu. Os homens cercaram Ana Davenga. As mulheres, ouvindo o movimento vindo do barraco de Ana, foram também. De repente, naquele minúsculo espaço coube o mundo. Ana Davenga **reconhecera a batida**. Ela não havia confundido a senha. O toque prenúncio de samba ou de macumba estava a dizer que tudo estava bem. Tudo em paz, na medida do possível. Um toque diferente, **de batidas apressadas** dizia de algo mau, ruim, danoso no ar. O toque que ela ouvira antes não prenunciava desgraça alguma. Se era assim, onde andava o seu, já que os das outras estavam ali? Por onde andava o seu homem? Por que Davenga não estava ali? (Ana Davenga, 2014b, p.21-22, grifo no original).

Percebe-se que, no decorrer da narrativa, Davenga, o chefe do crime, naquele lugar periférico, vai ganhando forma com a descrição das suas características físicas, psicológicas e morais, de forma humorística, evidenciando sua trajetória, de maneira breve, com episódios da sua fase da infância até a adulta, quando se torna o esposo de Ana Davenga. Assim, as ações vão ocorrendo e cruzando cenas do passado com o presente, com a impressão de um tempo não cronológico, que se apega às lembranças ocorridas.

Nesse cenário social caótico, a personagem feminina - Ana Davenga - surge a princípio sendo descrita como uma musa negra: “ao vislumbrar os peitos-maçãs salientes da mulher...” (Ana Davenga, 2014b, p. 22.), e de suas curvas encantadoras, típicas das mulheres negras, essa erotização negra chamou a atenção não só de Davenga como também daqueles que o serviam, seus comparsas.

Observa-se que, essa visão de erotização negra vista nesse enredo, de maneira cômica, carrega consigo a representação da mulher negra brasileira como símbolo de prazer despertado no homem. Isso é resultado de uma cultura estabelecida e perpetuada até os dias atuais. Essa persistência ainda teima em envolver as experiências das mulheres negras brasileiras com a carga dessa rotulação, o que prejudica as virtudes que elas possuem.

Ainda é acrescentado ao enredo a ideia de que negras apreciam o samba para mostrarem sua beleza e desenvoltura como forma de encantar e conquistar um homem, o que ocorreu com Davenga por Ana ao vê-la em uma roda de samba:

[...] E de cabeça leve resolveu ir com os amigos para o samba. Sabia, porém, que devia ficar atento. Estava atento, sim. Estava atento aos movimentos e à dança da mulher. Ela lhe lembrava uma bailarina nua, tal qual a que ele vira um dia no filme da televisão. A bailarina dançava livre, solta, na festa de uma aldeia africana. Só quando a bateria parou foi que Ana também parou e se encaminhou com as outras para o banheiro. Davenga assistia a tudo. Na volta ela passou por ele, olhou-o e deu-lhe um largo sorriso. Ele criou coragem. Era preciso coragem para chegar a uma mulher. Mais coragem até do que para fazer um serviço. Aproximou-se e convidou-a para uma cerveja. Ela agradeceu. Estava com sede, queria água e deu-lhe um sorriso mais profundo ainda. [...] (Ana Davenga, 2014b, p. 25-26.).

Mais adiante, esse encontro com a mulher dos seus sonhos, Ana, mexe com Davenga, e o faz recordar das mulheres da sua vida de maneira emocionante:

[...] Davenga se emocionou. Lembrou da mãe, das irmãs, das tias, das primas e até da avó, a velha Isolina. Daquelas mulheres todas que ele não via fazia muitos anos, desde que começara a varar o mundo. [...] (Ana Davenga, 2014b, p. 26)

Em torno disso, Davenga, ocultamente, remete-se ao seu passado e se tortura ao se indagar:

[...] Seria tão bom se aquela mulher quisesse ficar com ele, morar com ele, ser dele na vida dele. Mas como? Ele queria uma mulher, uma só. Estava cansado de não ter pouso certo. E a mulher que lhe lembrava a bailarina nua havia mexido com ele, com alguma coisa lá dentro dele. Ela lhe trouxera saudade de um tempo paz, um tempo criança, um tempo Minas. Ia tentar, ia tentar. [...] (Ana Davenga, 2014b, p. 26.).

Mediante aos acontecimentos, os dois se assumem como casal: Davenga e Ana. Então, desde o primeiro dia em que se encontraram, nunca mais se desgrudaram e passaram a ter uma vida unidos, lado a lado, nos bons e maus momentos: “Desde aquele dia, Ana ficou para sempre no barraco e na vida de Davenga.” [...] (Ana Davenga, 2014, p. 26.). Além disso, Ana ficou desde à primeira vista apaixonada por Davenga, mesmo tornando-se sua esposa, nunca perguntou qual seria sua fonte de renda, sua profissão. Desse modo, observa-se que, na verdade, ela sabia qual era a profissão dele, mas isso não a incomodava de forma alguma:

[...] Não perguntou de que o homem vivia. Ele trazia sempre dinheiro e coisas. Nos tempos em que ficava fora de casa, eram os companheiros dele que, através das mulheres, lhe traziam o sustento. Ela não estranhava nada. Muitas vezes, Davenga mandava que ela fosse entregar dinheiro ou coisas para as mulheres dos amigos dele. Elas recebiam as encomendas e mandavam perguntar quando e se seus homens voltariam. Davenga às vezes falava do regresso, às vezes, não. Ana sabia bem qual era a atividade de seu homem. (Ana Davenga, 2014b, p. 26-27.)

Naquele casebre provido de poucos recursos e nada de luxo, Ana sabia do perigo que a rodeava, mesmo assim, decide após uma primeira noite com seu amor, tornar-se oficialmente sua mulher ao ponto de registrar isso em cartório, como combinado por ambos, para poder carregar consigo o seu nome (no seu corpo travado de desejos por ele, mas também no seu sobrenome):

[...] E naquela noite primeira, no barraco de Davenga, depois de tudo, quando calmos e ele já de olhos enxutos, — ele havia chorado copiosamente no gozo-pranto — puderam conversar, Ana resolveu adotar o nome dele. Resolveu então que a partir daquele momento se chamaria Ana Davenga. Ela queria a marca do homem dela no seu corpo e no seu nome. (Ana Davenga, 2014b, p. 27).

Este conto começa com suspense e, aos poucos, vai se encaminhando para a escrita literária própria de Conceição Evaristo, de levar o leitor a mergulhar no seu enredo e percorrer as suas entrelinhas. Assim sendo, nota-se que essa história se passa num local periférico, onde a criminalidade impera. A profissão de bandido é revelada neste pequeno trecho da trama: “Às vezes ficava dias e dias, meses até foragido, e quando ela menos esperava dava com ele dentro de casa.” [...] (Ana Davenga, 2014b, p. 23.).

A ausência e presença repentina de Davenga justificava-se pela vida que levava, de chefe do bando: [...] “Pois é, Davenga parecia ter mesmo o poder de se tornar invisível. Um pouco que ela saía para buscar roupas no varal ou falar um tantinho com as amigas, quando voltava dava com ele, deitado na cama. Nuzinho. Bonito o Davenga vestido com a pele que Deus lhe deu.” [...] (Ana Davenga, 2014b, p. 23.).

Mesmo sabendo da realidade de seu esposo, completamente apaixonada por Davenga, Ana descreve as habilidades do amado com muito apreço, desde quando o conheceu, e relembra dos seus “servicinhos” executados, com satisfação, dessa maneira, traduz o caráter dele:

[...] Fazia os seus serviços mais longe, e além disso não gostava de assaltos a bancos. Já até participara de alguns, mas achava o servicinho sem graça. Não dava tempo de ver as feições das vítimas. O que ele gostava mesmo era de ver o medo, o temor, o pavor nas feições e nos modos das pessoas. Quanto mais forte o sujeito, melhor. [...] (Ana Davenga, 2014b, p. 24).

Nessa narrativa, envolvendo crime, amor e prazer, o erotismo é bem notório, primeiramente, pela descrição que ela faz de seu companheiro, considerando-o um negro belo: [...] “Uma pele negra, esticada, lisinha, brilhosa. [...], depois, de como ela se sentia ao receber o seu homem em casa; [...] “Ela mal fechava a porta e se abria todinha para o seu homem. Davenga! Davenga!” [...] (Ana Davenga, 2014b p.23).

A expressão “gozo-pranto”, usada por Ana Davenga ao descrever a sua intimidade com seu esposo, demonstrava que, no ato sexual, seu companheiro chorava juntamente com ela, ambos sentindo prazer. Porém, aquilo a incomodava, diante disso, cogitou não mais entregar-se a ele. Uma das passagens dessa narrativa enfatiza que a sociedade brasileira contemporânea é preconceituosa, ainda discrimina e não admite, principalmente, a mulher negra estar ocupando lugares privilegiados. Isso se revela, desse modo: [...] “Não era do agrado de nenhum deles aquela mulher dentro do quartel-general do chefe, sabendo de todos os segredos.” [...] (Ana Davenga, 2014b, p. 24.).

Por mais que tivesse comparsas e a companhia de Ana, Davenga era solitário, vivia sem paradeiro. Por viver uma vida conturbada, ele teve que deixar para trás as mulheres da sua vida (mãe, irmãs, tias, primas e avó). Então, voltou sua atenção à Ana, que dançava requebrando no samba, desenvolvendo nele uma vontade insana de tê-la como mulher.

A vida, aparentemente, fácil de Davenga, ao conseguir recursos financeiros para arcar com suas despesas diárias e mensais e de tentar dar uma vida boa para sua companheira, demonstrava que boa parte dos criminosos não agem sem antes estudar/analisar o ambiente e a vítima a ser lesada. Então, Davenga, primeiramente, estudava o território antes de assaltar. Ao fim de suas ações criminosas, ele zombava da cara das suas vítimas, como descreve Ana:

[...] Adorava ver os chefões, os mandachuvas cagando de medo, feito aquele deputado que ele assaltou um dia. Foi a maior comédia. Ficou na ronda perto da casa do homem. Quando ele chegou e saltou do carro, Davenga se aproximou [...] (Ana Davenga, 2014b, p. 24)

Davenga amava Ana, sua esposa, como nunca amara outra mulher, pois ela era seu alicerce, refúgio, principalmente, nos momentos íntimos que tinham – de prazer – em que as lembranças do passado dele viam à tona, e as lágrimas escorriam da sua face sem nenhuma explicação, elas apenas desciam como forma de remorso ao recordar de Maria Agonia (mulher evangélica) que ele amou, mas foi rejeitado por ela, não sabendo lidar com a frustração, ele manda matá-la:

Davenga gostara de Ana desde o primeiro momento até o sempre. Dera seu nome para Ana e se dera também. Fora com ela que descobrira e começara a pensar no porquê de sua vida. Fora com ela que começara a pensar nas outras mulheres que tivera antes. E uma lhe trazia um gosto de remorso. Ele havia mandado matar Maria Agonia. (Ana Davenga, 2014b, p. 27).

A rejeição, sentida na pele por Davenga, fez com que ele agisse sem pensar, quando se declarou para a evangélica Maria Agonia, e ela o tratou com desdém, pois mesmo a amando, ele conseguiu perceber que, para ela, um negro como ele servia somente para satisfazê-la entre quatro paredes, às escondidas. Sentindo-se rejeitado e discriminado, mandou executá-la:

[...] Esses encontros aconteceram muitas e muitas vezes. Primeiro a praça, a pregação, a crença. Depois tudo no silêncio, na moita, tudo escondidinho. Um dia ele se encheu. Propôs que ela subisse o morro e ficasse com ele. Corresse com ele todos os perigos. Deixasse a Bíblia, deixasse tudo. Maria Agonia reagiu. Vê só se ela, crente, filha de pastor, instruída, iria deixar tudo e morar com um marginal, com um bandido? Davenga se revoltou. Ah! Então era isso? Só prazer? Só o gostoso? Só aquilo na cama? Saiu dali era novamente a Bíblia? Mandou que a mulher se vestisse. Ela ainda se negou. Estava querendo mais. Estava precisando do prazer que ele, só ele, era capaz de dar. Saíram juntos do motel; a certa altura, como sempre, ele desceu do carro e caminhou sozinho. Não havia de ser nada. Tinha alguém que faria o serviço para ele. [...] (Ana Davenga, 2014b, p. 28).

Tal episódio ganhou espaço na mídia local com a manchete: “Filha de pastor apareceu nua e toda perfurada de balas. Tinha ao lado do corpo uma Bíblia. A moça cultivava o hábito de visitar os presídios para levar a palavra de Deus” (Ana Davenga, 2014b, p. 28).

A própria manchete, nas suas entrelinhas, possibilita uma conexão com os serviços sociais prestados por ela – de evangelização. Mas, jamais diante dessa situação, alguém ousaria pensar na versão de uma crente que se deixou seduzir pelo pecado, e por essa razão, deu-se mal.

Ana, mesmo com a confissão de Davenga a respeito da crente que amou e mandou matá-la, nunca o temeu: “[...] Nem no dia em que Davenga, de cabeça baixa, lhe contara o crime, ela tivera medo do homem... [...]” (Ana Davenga, 2014b, p. 29).

O suspense do enredo vai se desenrolando, dando espaço a um momento tenso e prolongado de agonia, Ana escuta batidas incessantes na porta, várias preocupações tomam conta de sua mente: por que a demora, por que a ausência do seu homem, o que poderia acontecer com aquela pequena semente que brotava dentro de si, seu filho, e se o perdesse? Por fim, uma surpresa, Davenga, de surpresa, aparece e comemora o 1º aniversário da sua esposa com seus comparsas e as famílias deles. Ao término da festa, pede a eles que fiquem em estado de alerta. Mesmo assim, após as comemorações, conseguem ter prazer na cama, antes de mais uma surpresa: a chegada de policiais que adentram, inesperadamente, no seu barraco.

Já estavam para explodir um no outro, quando a porta abriu violentamente e dois policiais entraram de armas em punho. Mandaram que Davenga se vestisse rápido e não bancasse o engraçadinho, porque o barraco estava cercado. Outro policial do lado de fora empurrou a janela de madeira.” [...]” (Ana Davenga, 2014b, p. 30).

Mesmo nesse momento tenso da narrativa, a figura materna – a, agora, mãe, Ana Davenga, tenta de alguma maneira proteger seu filho no ventre, colocando a mão na barriga, como forma simbólica de amor e zelo pelo ser que ali estava. Porém: “[...] Uma metralhadora apontou para dentro de casa, bem na direção da cama, na mira de Ana Davenga. Ela se encolheu levando a mão na barriga, protegendo o filho, pequena semente, quase sonho ainda. [...]” (Ana Davenga, 2014b, p.30).

Criminosos, como Davenga, são homens que sempre têm uma arma à disposição, mesmo em momentos aparentemente descontraídos: [...] “A arma estava ali, debaixo da camisa que ele ia pegar agora. Poderia pegar as duas juntas. Sabia que este gesto significaria a morte. [...]” (Ana Davenga, 2014b, p. 30).

Por essa razão, Davenga reage a invasão, e essa ação resulta na sua morte e na de sua esposa, conseqüentemente, do brotinho que ela carregava em seu ventre: “De cabeça baixa, sem

encarar os dois policiais a sua frente, Davenga pegou a camisa e desse gestos ouviram muitos tiros.” (Ana Davenga, 2014b, p. 31).

Um policial, pai de família, também perde a vida, atraindo atenção e comoção, pois se trata de um profissional que perdeu a vida realizando o seu ofício. Nesse desfecho do conto, percebe-se que pessoas íntegras, como o agente morto na missão de prender Davenga e seu bando, mobilizam a população, mas o bandido e sua família mortos no confronto, não, pois a sociedade compreende que existe duas opções para quem entra na criminalidade: cadeia e cemitério. “Os noticiários depois lamentavam a morte de um dos policiais de serviço. Na favela, os companheiros de Davenga choravam a morte do chefe e de Ana, que morrera ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga”. [...] (Ana Davenga, 2014b, p. 31).

Ao considerar os abusos e as injustiças do passado, sem idealizações, pode-se observar a transformação do futuro, revolta que gesta o ato-revolta, pois na interação comunicativa, a escritora caracteriza a leitura se evidencia nas relações da vida dos indivíduos, conforme afirma Silva (2003, p, 24):

Nunca é demais lembrar que a prática da leitura é um princípio de cidadania, ou seja, leitor cidadão, pelas diferentes práticas de leitura, pode ficar sabendo quais são as suas obrigações e também pode defender os seus direitos, além de ficar aberto às conquistas de outros direitos necessários para uma sociedade justa, democrática e feliz.

Desse modo, é imprescindível pensar que a violência faz parte da produção voltada aos escritos sobre a negritude, evidenciada nas relações dos espaços, como a favela, a rua, que se tornam locais de disseminação da violência masculina sobre as mulheres.

5 DUZU-QUERENÇA: ENTRAVES DA VIDA – VIVER OU MORRER?

No conto de Conceição Evaristo, Duzu-Querença é uma mendiga, vivendo nas ruas, abandonada à própria sorte. A personagem é levada pelo próprio pai, ainda menina, para a cidade. Dona Esmeraldina, dona do estabelecimento para onde a menina foi encaminhada, havia prometido que a menina poderia trabalhar e estudar.

A descrição do ambiente denota ser um bordel: “Era uma casa grande de muitos quartos. Nos quartos moravam mulheres que Duzu achava bonitas” [...] (Duzu-Querença, 2014c, p. 34). Nesse lugar, sempre rodeado de um fluxo enorme de pessoas, principalmente, da natureza masculina, Duzu nem imaginava que nele, da pior maneira possível, conheceria o mundo e as pessoas, e que teria cicatrizes para o resto de sua vida.

Esperta e inteligente que era, Duzu trabalhava na lavagem e passagem das roupas como “Duzu trabalhava muito. Ajudava na lavagem e na passagem da roupa. Era ela também quem fazia a limpeza dos quartos.” [...] (Duzu-Querença, 2014c, p. 34).

Esse trabalho diário, diverso e acumulativo da pequena Duzu, nessa morada, ainda criança, é uma crítica da escritora Conceição Evaristo sobre a exploração do trabalho infantil, que mesmo havendo sua proibição e punição por lei, ocorre nos interiores do Brasil e nas grandes metrópoles brasileiras.

O pai de Duzu tinha nos seus atos a marca da esperança. Pescador, o homem sonhava com um ofício novo. Era preciso aprender outros meios de trabalhar. Era preciso também dar outra vida para a filha. Duzu era caprichosa e tinha cabeça para leitura. Um dia sua filha seria pessoa de muito saber. E a menina tinha sorte. Já vinha no rumo certo. Uma senhora que havia arrumado trabalho para a filha de Zé Nogueira ia encontrar com eles na capital. [...] (Duzu-Querença, 2014c, p. 34).

Antes de Duzu Querença começar a executar seus serviços nessa casa gigantesca, um aviso lhe fora dado: sempre bater nas portas antes de entrar, e perguntar: - pode entrar? No começo, ela obedeceu a esse aviso. Mas a curiosidade de saber o que ocorria nos quartos entre

as mulheres e os homens, causavam-lhe inquietação e desobediência. Essa insubordinação lhe trouxe uma consequência: passar da fase infantil para a fase adulta em um “estralar” dos dedos

E foi no entrar-entrando que Duzu viu várias vezes homens dormindo em cima das mulheres. Homens acordados em cima das mulheres. Homens mexendo em cima das mulheres. Homens trocando de lugar com as mulheres. Gostava de ver aquilo tudo. Em alguns quartos a menina era repreendida. Em outros, era bem-aceita. Houve até aquele quarto em que o homem lhe fez um carinho no rosto e foi abaixando a mão lentamente. A moça mandou que ele parasse:

Não estava vendo que ela era uma menina? O homem parou. Levantou embrulhado no lençol. Duzu viu então que a moça estava nua. Ele pegou a carteira de dinheiro e deu uma nota para Duzu. Ela olhou timidamente para o homem. Voltou ali no outro dia no entrar-entrando. Não era o mesmo. Saiu desapontada e triste. Passados alguns dias, voltou a entrar de supetão. Era ele. Era o homem que lhe havia feito um carinho e lhe dado um dinheiro. Era ele que estava lá. Estavam os dois nuzinhos. Ele em cima, parecendo dentro da mulher. Duzu ficou olhando tudo. Teve um momento em que o homem chamou por ela. Vagarosamente ela foi se aproximando. Ele, em cima da mulher, com uma das mãos fazia carinho no rosto e nos seios da menina. Duzu tinha gosto e medo. Era estranho, mas era bom. Ganhou muito dinheiro depois (Duzu-Querença, 2014c, p. 35),

Nesse trecho ressalta-se a expressão “bater na porta”, que reflete a dinâmica da oralidade cuja presença está nos relatos africanos incorporadas por Conceição Evaristo em suas narrativas. Assim, infelizmente, em uma das não batidas na porta ao entrar, comprova-se que Duzu foi acariciada por um homem, nesse bordel disfarçado de casa grande, e esse “tocar precoce”, despertou em Duzu um desejo inexplicável. A partir desse momento, sentiu a vontade de viver novamente aquele desejo desconhecido até então e procurou aquele homem ao “entrar-entrando” nos quartos desse casarão. Um certo dia, encontrou-o.

A partir de então, Duzu-Querença sem saber começou a se prostituir e a gostar daquilo. Faz-se necessário mencionar que o aliciamento de menores, no Brasil, é crime. Porém, ainda ocorre nas regiões brasileiras e, na maioria das vezes, os casos não são registrados, principalmente, pelo medo sentido pelas vítimas (pela intimidação de seus agressores/abusadores.).

O contar descritivo do prazer despertado em Duzu-Querença, ainda criança, revela o abuso precoce ocorrido, sem ela ter noção do que era vivenciado, pois apenas imitava aqueles movimentos de corpos nus:

[...] Passados alguns dias voltou a entrar de supetão. Era ele. Era o homem que lhe havia feito um carinho e lhe dado um dinheiro. Era ele que estava lá. Estavam os dois nuzinhos. Ele em cima, parecendo dentro da mulher. Duzu ficou olhando tudo. Teve um momento em que o homem chamou por ela. Vagarosamente ela foi se aproximando. Ele, em cima da mulher, com uma das mãos, fazia carinho no rosto e nos seios da menina. Duzu tinha gosto e medo. Era estranho, mas era bom. [...] (Duzu-Querença, 2014c, p. 35).

A cafetina, D. Esmeraldina, descobre que a criança, Duzu, está se prostituindo nas suas costas sem contribuir financeiramente. Nessa passagem da narrativa, acontece a revelação da violência patrimonial, em que o dinheiro recebido da prostituição é limitado:

Um dia quem abriu a porta de supetão foi D. Esmeraldina. Estava brava. Se a menina quisesse deitar com homem, podia. Só uma coisa ela não ia permitir: mulher deitando com homem, debaixo do teto dela, usando quarto e cama, e ganhando o dinheiro sozinha! Se a menina era esperta, ela era mais ainda. Queria todo o dinheiro e já! Duzu naquele momento entendeu o porquê do homem lhe dar dinheiro. Entendeu o porquê de tantas mulheres e de tantos quartos ali. Entendeu o porquê de nunca mais ter conseguido ver a sua mãe e o seu pai, e de nunca D. Esmeraldina ter cumprido a promessa de deixá-la estudar. (Duzu-Querença, 2014c, p. 35).

Então, chamando a atenção de Duzu, a mulher quis lhe dar um quarto para prosseguir com a prostituição.

A vida de Duzu agora é outra; e o prazer a ser dado aos seus clientes deve sempre prevalecer. Nesse trajeto, ela vê a vida sendo revelada de forma dura, com obediência aos cafetões, testemunhando os assassinatos de suas colegas trabalho que burlaram as regras estabelecidas deles.

Duzu morou ali muitos anos e de lá partiu para outras zonas. Acostumou-se com os gritos das mulheres apanhando dos homens, com o sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte como uma forma de vida. (Duzu-Querença, 2014c, p. 36).

Então, nesse círculo prazeroso e bem cruel, Duzu segue sua vida com nove filhos espalhados pelo mundo afora: “Os filhos de Duzu foram muitos. Nove. Estavam espalhados pelos morros, pelas zonas e pela cidade. Todos os filhos tiveram filhos. Nunca menos de dois.” [...] (Duzu-Querença, 2014c, p. 36).

A impressão é a de que foi pondo-os no mundo, e eles próprios tiveram que seguir seu rumo, e mesmo diante das dificuldades, conseguiram formar famílias, mas um de seus filhos, por ter advindo de uma família desestruturada, vivia preso. Uma nova era de alegria se dá com a vinda e a convivência com seus netos, “Dentre os seus netos três marcavam assento maior em seu coração. Três netos lhe abrandavam os dias.” (Duzu- Querença, 2014c, p. 36). Angélico, Tático e Querença eram os seus preferidos.

Adiante, menciona-se quais eram os planos dos três netos preferidos para o futuro, descrevendo-os assim: “Angélico, que chorava porque não gostava de ser homem. Queria ser guarda penitenciário para poder dar fuga ao pai. Tático, que não queria ser nada. E a menina Querença que retomava sonhos e desejos de tantos outros que já tinham ido...” (Duzu-Querença, 2014, p. 36-37). Mas um acontecimento inesperado e doloroso ocorre, e resulta na morte de seu neto Tático, em que ocorre desse modo:

Duzu entrou em desespero no dia em que soube da morte de Tático. Ele havia sido apanhado de surpresa por um grupo inimigo. Era tão novo! Treze anos. Tinha ainda voz e jeito de menino. Quando ele vinha estar com ela, passava às vezes a noite ali. Disfarçava. Pedia a benção. Ela sabia, porém, que ele possuía uma arma e que a corvermelho sangue já se derramava em sua vida. (Duzu-Querença, 2014c, p. 37).

Isso causa uma dor intensa na avó Duzu-Querença. A partir dali, ela não é mais aquela senhora alegre, começa a perder os sentidos. A saudade de Tático a perturba, e a demência adentra no seu ser “Com a morte de Tático, Duzu ganhou nova dor para guardar no peito. Ficava ali, amuada, diante da porta da igreja. Olhava os santos lá dentro, os homens cá fora, sem obter consolo algum. Era preciso descobrir uma forma de ludibriar a dor.” [...] (Duzu-Querença, 2014c, p. 37).

No trecho narrativo acima, sabiamente, Conceição Evaristo emprega o verbete “amuada”, que tenta transmitir a dor sentida por Duzu, o qual significa aborrecida, mal-humorada; em resumo, de mal com a vida. Assim, como meio de justificar a sua mudança

comportamental seguida de delírios:

[...] Pensando nisto, resolveu voltar ao morro. Lá onde durante anos e anos, depois que ela havia deixado a zona, fora morar com os filhos. Foi retornando ali que Duzu deu de brincar de faz de conta. E foi aprofundando nas raias do delírio que ela se agarrou para viver o tempo de seus últimos dias. [...] (Duzu-Querença, 2014c, p. 37).

Tamanha dor da perda de quem ama – seu neto Tático – a faz viver uma vida não digna, e como forma de camuflar a dor, começa a residir na escadaria da igreja local com outros mendigos. De certa maneira, busca a fé para aproximá-la de seu neto, e dar suporte para amenizar a dor sentida.

A avó Duzu-Querença torna-se mendiga, e na rua, juntamente, com outros colegas mendigos, convive e vive uma vida não próspera, mas uma alternativa escolhida por ela para amenizar o fardo da perda de seu neto Tático.

Conceição Evaristo emprega, no auge da descrição dos delírios da avó Duzu-Querença, a poesia, que dialoga com o leitor e reflete, nas suas entrelinhas, o desespero da dor insuportável de uma avó sair de si por não aceitar a partida precoce do jovem neto Tático, de 13 anos. E nesse cenário, a poesia ganha espaço e ecoa a dor e saudade:

Duzu olhou em volta, viu algumas roupas no varal. Levantou com dificuldades e foi até lá. Com dificuldade maior ainda, ficou nas pontinhas dos pés abrindo os braços. As roupas balançavam ao sabor do vento. Ela, ali no meio, se sentia como um pássaro que ia por cima de tudo e de todos. Sobrevoava o morro, o mar, a cidade. As pernas doíam, mas possuía asas para voar. Duzu voava no alto do morro. Voava quando perambulava pela cidade. Voava quando estava ali sentada à porta da igreja. Duzu estava feliz. Havia se agarrado aos delírios, entorpecendo a dor. E foi se misturando às roupas do varal que ela ganhara asas e assim viajava, voava, distanciando-se o mais possível do real (Duzu-Querença, 2014c, p. 37).

Esse acontecimento, da mudança repentina de vida de Duzu, leva-nos a comparar, observar e refletir sobre a condição das pessoas que sobrevivem nas ruas, existe um porquê para que haja mendigos nas nossas cidades, alguma decepção na vida sofreu e não soube como lidar, provocando uma mudança drástica de vida.

Desse modo, vemos que essa narrativa, nos remete aos ciclos vividos pela avó Duzu-Querença, que revelam episódios corriqueiros da vida do indivíduo, que ora suporta ora desaba. De alguma maneira, Duzu tentava reencontrar a alegria, para isso, participa de uma festa de Carnaval e desfila com a fantasia que ela mesmo confeccionou: “Alegrava-se tanto! Era o carnaval. E já havia até imaginado a roupa para o desfile da escola. Ela viria na ala das baianas. Estava fazendo uma fantasia linda. Catava papéis brilhantes e costurava pacientemente em seu vestido esmolambado [...]” (Duzu-Querença, 2014c, p.38). Nisso, sua neta Querença, observa e aprende que mesmo em meio as dificuldades diárias da vida é possível realizar seus sonhos.

Sem notar, a avó Querença ensinou à sua neta que a vida pode ser enfrentada e reinventada mesmo com as dificuldades:

E foi no delírio da avó, na forma alucinada de seus últimos dias, que ela, Querença, haveria de sempre umedecer seus sonhos para que eles florescessem e se cumprissem vivos e reais. Era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos. Não sabia ainda como. Estava estudando, ensinava as crianças menores da favela, participava do grupo de jovens da Associação de Moradores e do Grêmio da Escola. Intuíva que tudo era muito pouco. A luta devia ser maior ainda. Menina Querença tinha treze anos, como seu primo Tático que havia ido por aqueles dias. [...] (Duzu-Querença, 2014c, p. 38)

Enlouquecida, antes do desfile carnavalesco, sobrevivendo das recordações, na sua mente passavam imagens dos parentes presentes e ausentes, Duzu-Querença, intensamente, relembra dos seus familiares já falecidos: “Rostos dos presentes se aproximavam. Faces dos ausentes retornavam. Vô Alafaia, Vô Kiliã, Tia Bambene, seu pai, sua mãe, seus filhos enetos. [...] (Duzu-Querença, 2014c, p. 38).

O desfecho desse enredo, revela uma avó destroçada pela perda precoce de seu neto Tático que se junta as inúmeras violências sofridas ao longo da sua vida, que causam-lhe dor. Tal situação decadente de Duzu, agora idosa, demonstra que sofreu abalo físico e mental, que a condicionaram a ser essa mulher negra que viveu uma vida miserável:

Querença olhou novamente o corpo magro e a fantasia da avó. Desviou o olhar e entre lágrimas contemplou a rua. O sol passado de meio-dia estava colado no alto do céu. Raios de luz agrediam o asfalto. Mistérios coloridos, cacos de vidro — lixo talvez — brilhavam no chão (Duzu-Querença, 2014c, p. 39).

História contada, de forma envolvente, que compactua com a realidade de muitas pessoas negras. Mas mesmo diante de qualquer sofrimento, em qualquer fase da vida, seja qual for sua interseccionalidade. Assim, a personagem principal nos ensina que reinventar a vida é o melhor a se fazer.

6 A INTERAÇÃO COMUNICATIVA NOS CONTEXTOS E AMBIENTES DIVERSIFICADOS DA OBRA: OLHOS D'ÁGUA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Esta seção aborda a respeito da análise da interação comunicativa nos contextos apresentados por Conceição Evaristo no Livro: Olhos d'Água.

Inicialmente, aborda-se a condição da negritude e a exploração da mulher negra, para em seguida apresentar uma análise a respeito dos Contos de Conceição Evaristo e seus reflexos na sociedade brasileira atual.

6.1 A CONDIÇÃO DA NEGRITUDE E A EXPLORAÇÃO DA MULHER NEGRA

Perante o panorama, na época da escravidão no Brasil, em intervalos curtos, os negros escravizados vivenciavam breves momentos em família, nos quais podiam desempenhar os papéis de pai e mãe. A incerteza de como seria o dia seguinte, dado que podiam ser postos à venda de um dia para o outro como "mercadoria humana", tornava esses momentos ainda mais significativos. No entanto, é incontestável que essas pausas na rotina desafiadora foram fundamentais para manter a comunidade negra resiliente, erguida e confiante de que dias melhores estavam por vir, conforme relata Davis (2016, p. 27-28):

A separação por meio da venda indiscriminada de maridos, esposas e crianças foi uma das terríveis marcas do estilo estadunidense de escravidão. Mas, ele aponta, os laços amorosos e afetivos, as normas culturais que governavam as relações familiares e o desejo preponderante de permanecerem juntos sobreviveram **ao golpe devastador da escravidão**. (...) escravos e escravas manifestaram um talento impecável para humanizar um ambiente criado para convertê-los em uma horda subumana de unidades de força de trabalho.

O contexto histórico-social durante o período da escravidão brasileira sempre foi compreendido de maneira globalizada, sem dedicar um olhar específico à mulher negra, abordando suas lutas e angústias. No entanto, há algum tempo, pesquisas nesse campo vêm se desenvolvendo para evidenciar a força da mulher negra na luta diária, tanto no passado quanto no presente. Esses estudos destacam que, embora o tempo tenha mudado, os desafios persistem, e a mulher negra continua a se destacar diante dessas adversidades.

Diante dessa condição, pode-se compreender que as mulheres negras sofreram muito, tiveram suas vidas destruídas pelo sistema capitalista, considerando toda a escravidão que ocorreu no Brasil, bem como na América Central e do Norte.

No decorrer dessa trajetória histórica, a sociedade brasileira testemunhou e submeteu as mulheres negras a diversas formas de violência, incluindo a doméstica, sexual, moral e psicológica. Era comum que seus "senhores" as explorassem de maneiras variadas, e essas mulheres suportavam tais abusos como uma forma de sobrevivência.

Quando se recusavam, eram punidas pelos seus senhores até cederem. Esse tratamento cruel, resultava em gravidez, e seus filhos eram considerados ilegítimos. Dentro desse processo histórico, as mulheres negras escravizadas eram ofendidas, maltratadas, violentadas e sexualizadas.

Esse contexto histórico e social, que perdura até os dias atuais, é resultado da construção negativa feita pelos senhores da sociedade branca em relação à "beleza da mulher negra". Nessa visão, a mulher negra era percebida como uma serva pronta para atender aos desejos sexuais dos senhores, a par disso, Nogueira (1999, p. 44) descreve que:

Seu corpo, historicamente destituído de sua condição humana, coisificado, alimentava toda sorte de perversidade sexual que tinham seus senhores. Nesta condição eram desejadas, pois satisfaziam o apetite sexual dos senhores e eram por eles repudiadas, pois as viam como criaturas repulsivas e descontroladas sexualmente. Não podiam, pela condição de mercadoria, se vincular afetivamente, apenas funcionavam como máquinas reprodutoras. Seus filhos não lhes pertenciam, quase sempre eram vendidos, o que era determinado pelo interesse do senhor. Tinham como possibilidade de exercer sua "função materna", quase sempre enquanto amas de leite do filho do senhor. Isto é, a mulher negra é historicamente desinvestida de qualquer possibilidade que a permitisse exercer sua feminilidade.

Desse modo, a mulher negra brasileira ainda é percebida como um objeto pelo restante da sociedade. Assim, muitos a enxergam apenas pela sua suposta "beleza" como algo a ser utilizado e, posteriormente, descartado como uma mercadoria qualquer, evocando assim lembranças de períodos passados de seus antepassados.

Por meio dessa visão ultrapassada e preconceituosa, a mulher negra brasileira, dia após dia luta para sobreviver e reverter essa imagem criada por uma sociedade preconceituosa a respeito da sua raça e gênero.

Mediante a contos como esses de Conceição Evaristo, as mulheres negras apresentam o cenário da desigualdade social que vivem, e como este é superado mesmo diante de tantas ações humilhantes enfrentadas.

Com muita força e fé, as mulheres negras representadas por Conceição Evaristo apresentam a sua identidade e de seus descendentes, do orgulho de ser negro em qualquer território.

6.2 ANÁLISE DOS CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO E SEUS REFLEXOS NA SOCIEDADE BRASILEIRA ATUAL

Com base nisso, as narrativas de Olhos d'água (2014a), Ana Davenga (2014b) e Duzu-Querença (2014c), que foram submetidas a análise, destacam e reforçam a complexidade das questões de raça, gênero e classe social no contexto brasileiro, examinando como são percebidos os negros, seus descendentes e, sobretudo, a mulher negra, tanto no passado quanto no presente. Essa interseccionalidade gera desconforto e instiga questionamentos, levando a indagações sobre porque o negro brasileiro ainda sofre tratamento semelhante ao do passado, mesmo com leis de amparo.

Hoje, qualquer pessoa tem o direito de expressar sua opinião sobre diversos assuntos, contanto que vigie suas atitudes para não comprometer o direito à liberdade. Por diversas razões, a valorização da negritude é essencial, assim como a compreensão do real processo de escravidão no Brasil, e as consequências que resultaram, percebidas como "carmas" que buscam menosprezar aqueles que foram dominados em um período da história.

Cabe dizer que essa indagação emerge com a explicação de que, embora o período tenha mudado e haja leis que ofereçam proteção, mesmo assim, a rejeição persiste de forma dissimulada, manifestando-se cotidianamente desde o ambiente escolar até eventos sociais. Assim, nota-se que o termo "raça", com seu significado, é amplamente reconhecido pela maioria da população brasileira. Contudo, as formas de rejeição à raça negra perduram, mantendo-se presentes mesmo na contemporaneidade.

A mulher negra continua a enfrentar grandes injustiças e violências:

Essa violência sexual colonial é, também, o “cimento” de todas as hierarquias de gênero e raça presentes em nossas sociedades, configurando aquilo que Ângela Gilliam define como “a grande teoria do esperma em nossa formação nacional”, através da qual, segundo Gilliam: “O papel da mulher negra é negado na formação da cultura nacional; a desigualdade entre homens e mulheres é erotizada; e a violência sexual contra as mulheres negras foi convertida em um romance (Carneiro, 2011, p. 46).

Carneiro (2011) entende que sua denúncia, muitas vezes, é desacreditada por uma sociedade machista que erroneamente interpreta o incidente como resultado de sua "erotização" ou vulgaridade, associadas à sua origem racial. Assim, o trabalho, tanto do homem negro quanto da mulher negra, era profundamente desumano desde a época da colonização brasileira. Contudo, eles desempenharam um papel fundamental na conquista da democracia que desfrutamos hoje. No entanto, o preço pago foi exorbitante para garantir a existência atual da liberdade em um país democrático.

Biroli (2018) expõe de forma objetiva e afirma que há uma relação entre raça, gênero e classe social no capitalismo vigente, em que existe a dominação de uma classe sobre a outra, dos donos do capitalismo e dos trabalhadores que o produzem. Essa relação é vista desde a antiguidade até os dias atuais.

Carneiro (2011, p.50) descreve a respeito da questão de gênero e da raça quando diz que “as mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres “[...] retratadas como anti-musas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca” [...].E, nesse contexto, essa descrição evoca a ideia de que as mulheres brancas são consideradas superiores às mulheres negras, sendo estas submetidas ao modelo idealizado de mulher. Atualmente, algumas mulheres negras ainda se submetem a padrões estéticos que privilegiam as mulheres brancas, resultando em atitudes precipitadas e prejudiciais.

Nessa narrativa, o ser humano negro testemunhava impotente a brutalidade sofrida por sua amada, incapaz de intervir no processo doloroso da escravidão, que ambos vivenciavam, com resquícios brutos do emprego de todos tipos de violência e humilhações como as negras escravizadas assumiam a responsabilidade de amamentar os filhos de suas senhoras,originando

a expressão "mãe de leite", e cuidavam deles como se fossem seus próprios filhos. Ainda assim, eram subjugadas e a humilhadas repetidamente, principalmente, quando sua senhora percebia que seu seu senhor/marido estava apaixonado por uma de suas negras escravizadas.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, é importante diferenciar os termos "preconceito" e "discriminação". No primeiro, o indivíduo diminui o outro por meio de ofensas verbais, muitas vezes sem conhecê-lo. Já no segundo, busca-se a superioridade ao agredir o outro por meio de palavras ou atitudes que evidenciem essa superioridade (Silva, 2003).

Com frequência, observamos a presença marcante dos dois conceitos, preconceito e discriminação, nas atitudes humanas em relação à raça, seja ela branca ou preta, tal conceituação surge da perspectiva advinda de indivíduos preconceituosos que incorporam isso em suas ações cotidianas, conforme afirma Gonzalez (2020, p.130):

O racismo latino-americano é suficientemente sofisticado para manter negros e índios na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças à sua forma ideológica mais eficaz: *a ideologia do branqueamento*. Veiculada pelos meios de comunicação de massa e pelos aparelhos ideológicos tradicionais, ela reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores do Ocidente branco são os únicos verdadeiros e universais. Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca demonstra sua eficácia pelos efeitos de estilhaçamento, de fragmentação da identidade racial que ele produz: o desejo de embranquecer (de "limpar o sangue", como se diz no Brasil) é internalizado, com simultânea negação da própria raça, da própria cultura (grifo no original)

A raça é um termo muito empregado tanto na escrita como na fala, com uma abrangência enorme, que revela a origem, a identidade de uma determinada pessoa. E, por isso, no Brasil, a questão racial tem se expandido, resultando no julgamento do caráter de alguém baseado na sua raça. Essa prática tem ocasionado a desigualdade em todos os sentidos, perpassando pela raça, gênero e classe social.

Contudo, a questão racial brasileira desvaloriza o caráter humano do negro e do indígena, desqualificando sua origem e identidade. Isso resulta no surgimento das divisões, em variadas áreas que ecoam como crítica na atualidade, e elas ocorrem de diversas formas.

Perante esse contexto, Dias, Giovanetti e Santos (2009, p. 17) afirmam:

O reconhecimento do racismo é uma das etapas mais difíceis, pois a sociedade em geral nega a sua existência com uma visão equivocada acerca das diferenças existentes entre os grupos étnico-raciais. O racismo incide de múltiplas formas, em geral, de maneira implícita; por isso, é preciso compreender e identificar os seus mecanismos de funcionamento. Ele se materializa por intermédio da discriminação, que é um fenômeno social intrínseco às relações, com símbolos e códigos utilizados para a perpetuação das desigualdades. Trata-se, então, de transformar os nossos próprios valores, crenças e concepções acerca dos diferentes grupos étnico-raciais.

Na realidade, o racismo persiste no Brasil até hoje, de forma camuflada. Isso ocorre pelo receio das pessoas racistas temerem a ocorrência de penalidades prevista na legislação vigente, em que a prática de racismo é considerada crime inafiançável. Então, de certa maneira, isso não paralisa sua ocorrência, mas a torna menos abrangente. Diante desse cenário, a lei 9.459, de 13 de maio de 1997 afirma:

Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. (Redação dada pela Lei n.º 9.459, de 15/05/97)

Art. 2º (Vetado).

Art. 3º Impedir ou obstar o acesso de alguém, devidamente habilitado, a qualquer cargo da Administração Direta ou Indireta, bem como das concessionárias de serviços públicos.

Pena: reclusão de dois a cinco anos.

Parágrafo único. Incorre na mesma pena quem, por motivo de discriminação de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional, obstar a promoção funcional. (Incluído pela Lei n.º 12.288, de 2010) (Vigência) Art. 4º Negar ou obstar emprego em empresa privada.

Pena: reclusão de dois a cinco anos.

§ Incorre na mesma pena quem, por motivo de discriminação de raça ou de cor, ou práticas resultantes do preconceito de descendência, ou origem nacional, ou étnica: (Incluído pela Lei n.º 12.288, de 2010) (Vigência)

I - Deixar de conceder os equipamentos necessários ao empregado em igualdade de condições com os demais trabalhadores; (Incluído pela Lei n.º 12.288, de 2010) (Vigência)

II - Impedir a ascensão funcional do empregado ou obstar outra forma de benefício profissional; (Incluído pela Lei n.º 12.288, de 2010) (Vigência)

III - proporcionar ao empregado tratamento diferenciado no ambiente de trabalho, especialmente quanto ao salário. (Incluído pela Lei n.º 12.288, de 2010) (Vigência)

IV - Impedir a ascensão funcional do empregado ou obstar outra forma de benefício profissional; (Incluído pela Lei n.º 12.288, de 2010) (Vigência)

V - proporcionar ao empregado tratamento diferenciado no ambiente de trabalho, especialmente quanto ao salário. (Incluído pela Lei n.º 12.288, de 2010) (Vigência)

§ 2º Ficará sujeito às penas de multa e de prestação de serviços à comunidade, incluindo atividades de promoção da igualdade racial, quem, em anúncios ou qualquer outra forma de recrutamento de trabalhadores, exigir aspectos de aparência próprios de raça ou etnia para emprego cujas atividades não justifiquem essas exigências. (Incluído pela Lei n.º 12.288, de 2010) (Vigência)

Art. 5º Recusar ou impedir acesso a estabelecimento comercial, negando-se a servir, atender ou receber cliente, ou comprador.

Pena: reclusão de um a três anos.

Art. 6º Recusar, negar ou impedir a inscrição, ou ingresso de aluno em estabelecimento de ensino público, ou privado de qualquer grau.

Pena: reclusão de três a cinco anos (BRASIL,1997).

Mesmo diante de uma parte da descrição do crime e da punição da lei antirracista brasileira, a prática do racismo tem aumentado de diversas formas, dentro das escolas e em outros ambientes públicos. Isso se deve ao fato de que muitas crianças são preconceituosas, pois aprendem isso no ambiente familiar e, conseqüentemente, discriminam os outros, seja por sua raça ou demais situações.

A comunidade negra foi alvo de repúdio e travou ao longo do tempo uma árdua batalha pela sobrevivência, contribuindo para a continuidade de sua descendência no território brasileiro, especialmente, durante a época do Brasil-Colônia. Como uma forma de reconhecimento, o governo brasileiro instituiu o Dia da Consciência Negra, celebrado no Brasil, no dia 20 de novembro (embora deva ser uma prática diária por parte dos cidadãos brasileiros), e além disso, implementou a lei de cotas raciais durante o mandato da Presidenta Dilma Rousseff em 2012, através da Lei n.º 12.711 (Brasil, 2012) assegurando percentuais reservados a negros, pardos e indígenas em processos seletivos, concursos e universidades, e promulgou a lei antirracista, atualmente considerada um crime inafiançável e imprescritível.

Tal contexto histórico e social brasileiro quanto à raça revisita outra situação preocupante: a desigualdade por gênero. Por exemplo, na área trabalhista, mesmo que a mulher exerça a mesma função do homem, ocorre uma distinção salarial. Isso provoca a desvalorização feminina na área

profissional, principalmente na política. Desse modo, Biroli (2018, p. 22) evidencia outro fator que justifica a realização desta pesquisa:

O gênero não se configura de maneira independente em relação à raça e à classe social nem é acessório relativamente a essas variáveis. De fato, na conformação conjunta do capitalismo e do patriarcado em seus padrões atuais, as mulheres são posicionadas como um grupo onerado pelo cotidiano de trabalho prestado gratuitamente, direcionado a ocupações específicas, menos remuneradas que os homens que desempenham as mesmas atividades e sub-representando na política.

Na percepção de McClintock (2010), a questão de raça, gênero e sexualidade sempre esteve presente desde a época imperial inglesa até os dias atuais, ligando-se e relacionando-se com o surgimento das Ciências humanas - Antropologia e Sociologia, dentro delas, a existência da psicanálise. A autora cita variadas obras de autores para enfatizar que nesse período de dominação, os pobres e as mulheres negras não tinham voz, era como se eles não existissem na sociedade, e, apenas as mulheres brancas e seus senhores apareciam nas histórias dessa época. Ora, é nesse contexto que McClintock (2010) entende que o historiador, inevitavelmente, atrasa-se para narrar a verdadeira versão da história, de forma que a versão original é muitas vezes ocultada por aqueles que detêm a hegemonia - os dominantes (McClintock, 2010, p. 449). Além disso, a autora acrescenta que as histórias orais africanas, em decorrência disso, são transmitidas oralmente de geração em geração, destacando a luta e a resistência dos marginalizados nas narrativas contadas pelos historiadores (McClintock, 2010, p. 450). Essas histórias são retratadas por meio de relatos orais, evidenciando a persistência e o empoderamento feminista na busca por novas formas de sobreviver ao sistema de governo dominante, seja ele monarquista ou capitalista.

Sendo assim, a escritora Conceição Evaristo, nos três contos de sua autoria, coloca em evidência como é vista a mulher negra na sociedade brasileira, mesmo em tempos modernos, como vivem, o que enfrentam, como vencem cada dia vivido, ou seja, enfatiza as “escrevivências” delas em “Olhos d’Água” (de uma mulher negra, solteira, que é pai-mãe), em “Ana Davenga” (de uma mulher negra jovem, esbelta fisicamente, envolvida nas tramas do

crime) e por último de “Duzu-Querença ” (também uma mulher negra, abandonada na infância, e tal situação a levou a ter uma vida sofrida e infernal).

Fica evidente nas linhas da obra que a personagem “mãe”, do conto Olhos d’água, mesmo com a face abatida, encarando e vivendo um dia de cada vez, define-se como uma mulher solteira que persiste na luta diária, para criar suas sete filhas, contando somente com o auxílio da sua filha primogênita para dar conta dos afazeres cotidianos e da criação de suas filhas.

Dessa forma, essas personagens femininas de Conceição Evaristo são parecidas comigo, pois elas insistem em não desistir de continuar a viver, conforme afirma Freitas e Silva (2017, p. 193):

As múltiplas mulheres descritas por Conceição Evaristo representam milhares de brasileiras, mães aflitas, filhas, avós, tias, as quais clamam por socorro em uma sociedade que as excluem e não dão voz a elas. Nesse sentido, Conceição Evaristo usa a escrita como maneira de recusa à passividade. Questiona e alerta o leitor para o que se passa nos silêncios dos becos, em uma escrita latente de se encher os olhos d’água.

Assim, chegamos à conclusão de que a própria autora fala nessa narrativa de si mesmo com ar de sofrimento, de sua descendência e da realidade vivida por muitas negras brasileiras como ela. Dessa maneira, a escritora Conceição Evaristo vem com sua escrita, representar a sua raça, gênero e classe, diante de circunstâncias diárias, que revelam a luta de nós mulheres negras, em um cenário de desigualdade social, onde a raça branca, de maioria racista, menospreza o valor e a força de mulheres negras. Porém, em contrapartida, vem Conceição Evaristo com sua escrita poética e dialogal por meio da veia literária, expressar essa nossa luta e a nossa resistência.

Então, compreende-se que a linguagem escrita e trazida por essa autora pretende fazer com que a nossa sociedade enxergue a significância da raça negra por meio das histórias ficcionais contadas, como forma de incomodar, principalmente, os cidadãos preconceituosos, objetivando a mudança de uma percepção ultrapassada. Dessa forma, com o objetivo de causar uma transformação comportamental e atitudinal, com a finalidade de trazer conforto e uma boa

convivência entre as raças, gêneros e classes. Assim, definindo, no ato de cidadania, na sua prática diária, o que vem a ser o significado real do termo interseccionalidade.

É necessário mencionar que as três mulheres negras descritas por Conceição Evaristo apresentam algo em comum, sendo estas da mesma raça: negras, pobres e sem instrução escolar. Dessa forma afirma que o negro de forma geral é visto como um ser inferior perante a raça branca pelo contexto histórico-social que o envolve. Isso provoca uma certa distinção entre os que foram ou não escravizados, e as marcas dessa crueldade permanece em seus descendentes afro-brasileiros e é ignorada por aqueles que não sofreram e não impediram os castigos e crueldades.

Breton (2013, p. 231) ressalta que “a imagem do corpo é a representação que o sujeito faz de seu corpo; a maneira pela qual ele aparece mais ou menos conscientemente a partir de um contexto social e cultural particularizado por sua história pessoal”. Isso reflete a razão pela qual a mulher negra brasileira é percebida e tratada de forma diferenciada em comparação com as mulheres brancas. Essa distinção persiste devido à aderência da sociedade brasileira contemporânea ao racismo estrutural, que sempre esteve presente e continua a operar nela.

O feminismo faz parte da realidade brasileira, tanto no passado quanto no presente. Entretanto, a tentativa de ocultá-lo representa uma atitude machista, que busca perpetuar a superioridade sobre as mulheres, muitas vezes consideradas como frágeis. (Keller, 2006)

Nesse sentido, existe uma distinção em nossa sociedade entre a mulher que busca liberdade e aquela que é subjugada, conforme relatado por Perrot (2005, p. 447), que investiga como essas mulheres foram e são inseridas na sociedade, destacando os obstáculos impostos pelo machismo em diversas áreas de suas vidas:

O corpo das mulheres não lhes pertence. Na família, ele pertence a seu marido que deve “possuí-lo” com sua potência viril. Mais tarde, a seus filhos, que a absorvem inteiramente. Na sociedade, ele pertence ao senhor. As mulheres escravas eram penetráveis ao seu bel-prazer. [...] O senhor tem direito sobre a virgindade das servas.

O que se observa é que, independentemente da nacionalidade ou condição social, a criatura nascida como mulher parece destinada a ser constantemente marginalizada. Nesse contexto, o homem, seus desejos e ações, parecem sempre prevalecer, enquanto da mulher,

espera-se a subordinação, pois, ao nascer, é designada para "servir" ao homem e a outros, como filhos e patrões no período da escravidão e posterior a ele. A este respeito Davis (2016, p. 19) afirma:

[...] as mulheres sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas.

Os seus corpos foram duplamente percebidos enquanto um espaço de exploração dos corpos escravizados no sistema de escravização, pois “sob o regime de escravidão, mulheres escravizadas foram sistematicamente estupradas por proprietários, feitores, e até mesmo por colegas de cativeiro”.

Wouters (2017, p. 1225-1226) descreve e afirma que, até os dias atuais, a mulher negra continua sendo associada a uma sexualidade erotizada, o que sugere que esse tipo de mulher pode ser desrespeitada em diversos aspectos, não tendo o "poder" de fazer escolhas:

A sexualização das relações exploratórias tem sido observada em todas as classes sociais. Faz parte de uma tendência geral, e, no entanto, algumas diferenças entre classes sociais se preservaram desde antes da década de 1960, até décadas posteriores. Essas diferenças mudaram, com efeito, em vários aspectos; mas na perspectiva relacional algumas subsistiram e, portanto, podem ser indicadas como continuidades de processo. Uma diferença bastante significativa é que, em comparação com moças e rapazes das classes média e alta, seus correspondentes nas classes baixas se casavam, geralmente, em idade mais precoce. É um dos traços de um padrão tradicional que persistiu entre eles. Outra diferença é que o controle social sobre os jovens é menos direcionado a aprendê-los [os traços] para orientar-se e mais para cobrar a obediência a eles em combinação com uma supervisão mais parcial e uma política tácita de não pergunte, não conte.

A afirmativa de Wouters (2017), que envolve as relações de exploração da sexualidade, pode ser compreendida nas determinações machistas envolvendo as mulheres negras que atingem a sociedade, de certa forma, pelo modo de vida vivenciado por elas. Essa é uma realidade muito atual em que o feminismo é desdenhado e criticado por uma grande parcela da sociedade brasileira que não reconhece a luta diária que a mulher exerce na vida pública e

privada. A mulher está sujeita a inúmeras violências, como física, psicológica, sexual, patrimonial e moral, as quais violam sua própria identidade, principalmente, a da mulher negra, que além da misógina enfrentada precisa lidar com o preconceito.

A este respeito Wouters (2017, p. 1220) afirma:

Não obstante, foi somente a partir da Revolução Sexual que as mulheres, incluindo-se as mais jovens, passaram a tomar parte mais ativa nas discussões públicas sobre desejos carnis e como alcançar uma balança do prazer mais gratificante – a balança entre a busca da satisfação sexual e a busca por intimidade mais duradoura de relações. Desde então, grupos cada vez maiores de pessoas vêm experimentando relações exploratórias entre os extremos do amor dessexuado (o desejo sexual subordinado à continuação do relacionamento), o contato sexual despersonalizado, e os extremos de tornar-se um objeto sexual e um sujeito sexual.

Dessa forma, por ser considerada sedutora, espera-se que ela "oferte" sua beleza natural àqueles que a desejam, em contraste com as mulheres brancas, as quais se espera que o respeito e a estima sempre prevaleçam.

Nesse aspecto, frente a esse desrespeito direcionado à mulher negra brasileira, quando uma mulher negra determinada, orgulhosa de suas raízes, alcança uma posição mais elevada no trabalho, ela inspira outras de sua descendência a não desistirem da luta e a acreditarem que podem alcançar seus objetivos. No campo literário, podemos citar a própria escritora Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e muitas outras que acenderam a chamada mulher brasileira. Seja qual for o contexto, a mulher deve ter a liberdade de decidir quem quer ser e o que quer fazer, sem sofrer repressão da sociedade machista. A liberdade deve ser vivida da maneira que cada mulher deseja.

Considerando esse cenário, a literatura contemporânea surge como uma ferramenta para denunciar a contínua escravização da mulher negra brasileira na sociedade, representando-a e instigando os cidadãos brasileiros a enxergarem e refletirem sobre a sua importância nesse contexto, que agora denominamos de Brasil democrático.

Observa-se, infelizmente, que a sociedade brasileira construiu um paradigma equivocado em relação à mulher negra, o qual foi amplamente difundido por todas as regiões do país. Na esfera profissional, persiste a visão de que essa mulher deveria desempenhar apenas

funções que remetem à condição de seus antepassados, como ser babá, doméstica, garçonete, cabeleireira, entre outras. Essas ocupações são frequentemente utilizadas para limitar o progresso profissional da mulher negra, desvalorizando suas capacidades.

Por essa razão, a escrita de Conceição Evaristo se solidariza e denuncia as vivências da mulher negra brasileira, refletindo sobre a condição de outras milhares de histórias que circundam as periferias do Brasil afora. Desse modo, tais narrativas tocam, causam inquietação. Assim, a literatura realiza seu papel, na tentativa de tornar o amanhã, para a mulher negra, mais digno, justo e com equidade não apenas de gênero, mas também racial, de fato.

Por isso, é comum vermos nos noticiários diários televisionados e *online*, tanto mulheres negras como homens negros sendo perseguidos pela identidade cultural que possuem. Por exemplo, uma negra vista com um bebê no colo, bem-vestida, dar a suspeita de ser uma sequestradora; e um negro bem-arrumado, de carro importado, ser julgado como criminoso. Partindo dessa concepção discriminatória e inaceitável, pode-se evidenciar o que Ava DuVernay (2016, p. 13) enfatiza acerca dessa situação comum na rotina de um negro ou negra, na qual ocorre em qualquer país:

Homens negros, e pessoas negras em geral, são representados excessivamente nos noticiários como criminosos. Significa que são mostrados como criminosos de modo exagerado, mais do que o número real de criminosos [...]. Então, você educou um povo, deliberadamente, por anos, por décadas, para crer que homens negros, em especial, e pessoas negras, em geral, são criminosos. Quero ser clara. Não estou falando só de pessoas brancas. Pessoas negras também acreditam e morrem de medo de si mesmas.

Essas circunstâncias são palpáveis e se desenrolam cotidianamente na vida da população negra. Mesmo diante de tantos obstáculos, que ecoam práticas historicamente opressivas, eles persistem em seguir adiante, sustentados pela fé em “Mamãe Oxum” e nos legados de seus ancestrais.

Essa realidade se apresenta de maneira evidente em nosso cotidiano, como corroboram as pesquisas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023). Mesmo em 2023, constata-se que a desigualdade social persiste e é acentuada no Brasil, conforme indicam dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (2023) de 2008-2009 e 2017-2018. Ao explorar

experimentalmente essas informações, foram desenvolvidos três novos índices estatísticos, considerando grupo populacionais brasileiros com registros de privações em seis dimensões: moradia, acesso a serviços públicos, saúde e alimentação, educação, acesso a serviços financeiros, padrão de vida, transporte e lazer.

Diante dessa pesquisa, considerou-se a estrutura domiciliar de cada residente para avaliar e constatar a pobreza e vulnerabilidade no Brasil. Os resultados apontam para diferenças significativas entre as áreas urbanas e rurais do país. Em 2017-2018, 17,3% da população urbana apresentava algum grau de pobreza, enquanto esse percentual era de 51,1% na população rural. Notavelmente, mesmo sendo mais da metade dos moradores, esse resultado representa uma queda expressiva em relação aos 77,8% registrados em 2008-2009. Nas áreas urbanas, a redução também foi considerável: em 2008-2009, 37,3% tinham algum grau de pobreza.

Esses resultados evidenciam que, de alguma maneira, a pobreza ainda persiste na sociedade brasileira contemporânea, com maior incidência no campo do que na cidade. Os dados recentemente divulgados pelo IBGE, em 25 de agosto de 2023, revelam que o Índice de Pobreza Multidimensional não Monetário (IPM-NM) da população autodeclarada preta ou parda permanece acima da média nacional. Além disso, a contribuição desse grupo para o índice nacional aumentou: em 2008-2009, representavam 75,7%, enquanto em 2017-2018 esse número subiu para 79,1%.

Além disso, no que diz respeito à situação da instrução escolar, no subgrupo do recorte pelo grau de escolaridade, aqueles que não possuem instrução representaram 56%, enquanto cerca de 59% dos brasileiros ainda não concluíram o Ensino Fundamental, incluindo os que o concluíram. Relatando sobre o grupo com pessoas de referência da cor preta ou parda, o índice de pobreza caiu de 18,7 para 14,4, uma redução de aproximadamente 23%. Entre o grupo com pessoas de referência, a queda foi de 17,6%, passando de 10,8 para 8,9. Entretanto, os pesquisadores afirmam que embora tenha havido uma forte redução da pobreza e da vulnerabilidade no Brasil, isso não indica a ausência da desigualdade ainda presente entre os segmentos menos favorecidos.

Certamente, ocorreram mudanças significativas, tendo em vista o aumento de incentivos públicos voltado a pessoas em situação de vulnerabilidade social, entretanto, essas transformações não contribuíram de maneira expressiva para a diminuição acentuada da

desigualdade social no Brasil, pois isso envolve vários fatores que perduram ao longo de décadas e influenciam nos resultados obtidos até o momento.

Desse modo, a desigualdade social ainda existe e persiste na sociedade brasileira, e sua incidência recai mesmo nos dias contemporâneos aos negros e pobres. Contudo, vários fatores dos antepassados e atuais favorecem o cenário da existência da desigualdade social no Brasil, pois não se trata apenas de ações políticas, mas de hábitos diários humanos mais empáticos e respeitosos com o próximo, seja ele pobre ou negro, e a interseccionalidade deve ser posta em evidência e considerada relevante.

Assim, torna-se crucial que o escritor transmita esse conhecimento ao leitor, revelando como ocorreu o período da escravidão, de modo que o leitor possa compreender, por meio dos textos de Conceição Evaristo, os desafios que foram enfrentados pelos negros. Assim, o discurso de Conceição Evaristo representa a análise do contexto social voltado às políticas públicas relacionadas à negritude, a fim de que se possa pensar a realidade a partir de um contexto social que considere fundamental a defesa da vida de mulheres negras.

Dessa forma, o próprio leitor irá notar como a desigualdade social e a discriminação para com os negros acontece, e ver que a ocorrência frequente de preconceito, principalmente, com relação à mulher negra, provoca traumas, e ocasiona uma trajetória de vida difícil de ser enfrentada.

E nas entrelinhas desses contos lidos, o leitor irá ainda compreender que a escrita trazida por Conceição Evaristo representa a conservação da história, das memórias e dos costumes dos povos afro-brasileiros, e além disso, de evitar a perda da identidade desses povos – África e Brasil – que juntos traduzem a batalha diversificada e diária dos pobres e negros, que circundam as suas territorialidades.

Informações como essas, abordando temáticas que perduram desde tempos remotos até os dias atuais, como o preconceito e a discriminação racial e de gênero, podem ser exploradas com a criatividade do escritor contemporâneo. Este pode traduzir essas questões por meio de obras literárias que abordem cenários temáticos contemporâneos, incentivando a população brasileira a refletir sobre suas atitudes negativas.

Assim, Candido (1976) propõe que o conhecimento adquirido se constrói mesmo no cenário fictício, no "faz de conta", e se entrelaça com o contexto social de cada indivíduo por meio da prática da leitura. Diante disso, o autor descreve uma abordagem para a aprendizagem,

esclarecendo que "O leitor, parceiro da empresa lúdica, entra no jogo e participa da 'não seriedade' dos quase-juízos e do fazer de conta". (Cândido, 1976, p.13).

Sabe-se que os dados estatísticos confirmam a persistência da desigualdade social no Brasil, conforme evidencia uma pesquisa realizada pela BBC News Brasil (2021). Esse estudo, que compreende um relatório de mais de 200 páginas, traça o panorama da desigualdade social no Brasil em níveis extremos. Os dados, coletados após a pandemia, posicionam o Brasil em segundo lugar no *ranking* mundial, logo após a África, como o país com uma disparidade significativa de desigualdade social e de renda. Este cenário revela que, durante esse período, os bilionários brasileiros enriqueceram ainda mais, enquanto os mais pobres se empobreceram.

Enfatiza que “a metade mais pobre do Brasil ganha 29 vezes menos do que os 10% mais ricos”. (Brasil de Fato, 2021). Isso, resume, de fato, a crescente desigualdade social e de renda na população brasileira. Além do mais, essa pesquisa apresenta um diferencial das demais realizadas, anteriormente, por incluir as desigualdades de gênero e ecológicas (a pegada de carbono entre países ricos e pobres). (Brasil de Fato, 2021)

Dessa maneira, entende-se que o sistema capitalista tem contribuído para a intensificação dessa desigualdade social, que remonta à época do Feudalismo, marcada pela divisão social entre os dominantes e os dominados. No entanto, o que se distingue desse período até os dias atuais é, essencialmente, a mudança na terminologia utilizada, substituindo-se por "chefes/gestores" e "trabalhadores/empregados".

Nesse cenário, a distinção trabalhista e salarial existe, e implica na elevação no Brasil quanto à desigualdade social, seja sua ocorrência pela raça ou gênero. Sendo que uma das possíveis justificativas para a redução salarial no Brasil desde os anos 2000, decorre do investimento dado ao antigo Bolsa Família e ao aumento do salário-mínimo.

Em continuação, pode-se citar uma pesquisa a qual foi realizada referente a esses dados estatísticos de desigualdade social no Brasil. A pesquisa divulgada no Blog “A Ponte social”, baseado nas fontes do IBGE, mostra e afirma que essa realidade atinge principalmente os negros e pardos, os quais correspondem a 72,7% dos que estão em situação de pobreza ou extrema pobreza - são 38,1 milhões de pessoas. Dentre aqueles em condição de extrema pobreza, as mulheres negras ou pardas compõem o maior contingente: 27,2 milhões de pessoas. Vale destacar que o rendimento domiciliar *per capita* médio de negros ou pardos é metade do recebido pelos brancos (IBGE, 2023.).

Essa pesquisa evidencia um aumento da pobreza e extrema pobreza, de maneira mais acentuada, nas regiões Norte e Nordeste do Brasil no período de 2012 a 2018, com uma média nacional acima do usual. Nesse contexto, o estado do Maranhão destaca-se com o maior índice dessa condição desfavorável, onde 53% de seus cidadãos encontram-se na linha da pobreza.

O Núcleo de Inteligência Social (NIS) aponta indicadores alarmantes de pobreza, especialmente em lares com a presença de crianças entre 0 e 11 anos nos estados dessas regiões (Maranhão, Piauí e Paraíba). Esse índice é motivo de preocupação, pois a pobreza acarreta sequelas que deixam marcas na infância e pré-adolescência de muitas crianças. Isso dificulta o desenvolvimento físico e cognitivo desses jovens, comprometendo sua capacidade de se tornarem adultos independentes e seguros no futuro.

Recentemente, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) revelou que houve uma queda na renda dos mais ricos (-3,98%), superando o percentual de redução dos mais pobres (-1,17%) no contexto brasileiro. No entanto, esse índice não pode ser motivo de comemoração, pois ambas as partes experimentaram uma diminuição em suas rendas laborais. A sociedade brasileira, por sua vez, observa um aumento nos preços de produtos essenciais, como leite em caixinha, óleo, carne bovina, entre outros.

A existência de desigualdade social no Brasil é evidente há décadas, seja por questões de raça, gênero ou classe. Essa realidade se manifesta diariamente, através de punições verbais, físicas e psicológicas, que desqualificam a identidade, sobretudo, de negros e negras.

Atualmente, a mulher negra brasileira continua a enfrentar preconceito e discriminação, seja em razão de sua raça, gênero ou classe. Essa desigualdade persistente resulta em transtornos que refletem as experiências individuais femininas, ocorrendo de forma recorrente no Brasil.

Assim, quando se tornou alarmante a distinção que a sociedade brasileira tem insistido em criar entre homens e mulheres, os movimentos feministas provocaram manifestações, de diversas formas, buscando respeito, dignidade, equidade racial, de gênero e de classe para as mulheres. Esses movimentos ecoam a igualdade entre todos, seja homem ou mulher, como demonstra a Constituição Brasileira de 1988, a qual deve ser exercida e cumprida na íntegra.

Dessas lutas, as mulheres brasileiras se fortaleceram e têm conseguido visibilidade nas suas “causas”, isso tem refletido na escrita literária brasileira como podemos ver nas obras de

Conceição Evaristo, assim como muitas outras escritoras brasileiras que dão voz feminina aos seus contos, denunciando o que ocorrem com as mulheres brasileiras, negras e pobres, no seu dia a dia.

Conforme se observa, nas escritas literárias brasileiras e nos noticiários rotineiros, a iniquidade, seja por raça, gênero ou classe existe e reflete nas pesquisas realizadas até a atualidade, enfatizando que o empoderamento de gênero acontece de duas maneiras: a individual e a coletiva. Contudo, o mais abordado é o coletivo. Mas ambos denotam a existência da desigualdade brasileira, a qual tem provocado milhares de vítimas, principalmente, na infância.

Essa realidade afeta a criança até sua fase adulta, e esta, como consequência, não consegue ser, no futuro, uma pessoa independente e segura, pois os agravos provocados pela fome e miséria durante um longo percurso da vida atingiram sua estrutura física, psicológica e social.

Dentro desse contexto, a relação de poder existe, e sempre existirá, pois há aqueles que mandam, e os demais que obedecem. Contudo, esse cenário deve ser mudado, em prol de uma sociedade mais justa e igualitária. Por isso, a questão do empoderamento de gênero é evidenciada, e os direitos defendidos e buscados são relevantes, pois travam uma luta justa para diminuir o controle das fontes de poder sobre a humanidade, principalmente, as mulheres vistas como diferentes e frágeis. (Batliwala 1997)

Provocou-se uma manifestação global, que ecoou por todo mundo, durante a publicação de um ensaio feminista, representando seu ponto de vista na reunião do Movimento Estudantil e da Segunda Onda do Feminismo, que foi realizado no ano de 2006 (1970), quando a autora Carol Hanisch (2006), abraçou a questão feminista de forma singular, sem se preocupar com a “elite” que insiste em dominar a mente humana, com censura camuflada. Ela afirmou que o empoderamento de gênero, na verdade, envolve indivíduos com plena hegemonia, em setores variados, e os definem, fazendo uso do substantivo coletivo “pessoal”, assim: “o pessoal é político”.

Esse comentário afirmativo, que defende a questão feminista, foi responsável pelas manifestações diretas e indiretas que ocorreram mundialmente, tal expressão, ganhou voz e respeito aos apoiadores do empoderamento de gênero.

Na concepção de Léon (2001) cada empoderamento é diferente e se relaciona ao contexto social ou realidade de cada pessoa, e ele ocorre porque cada indivíduo vive suas experiências e lutas diárias frente aos desafios impostos pela sociedade.

Isso é um dado estatístico relevante para as mulheres brasileiras, pois os entraves que permeiam suas vivências são diversos, e estratégias como a luta feminista diária, com o empoderamento de gênero no Brasil e no mundo afora, tem possibilitado gerar resultados como esse comprovado anteriormente. As conquistas feministas brasileiras ao longo da história têm ocorrido devido às mulheres terem se reunido e estarem exigindo seus direitos, de forma coletiva, em manifestações nos vários cantos do Brasil e do mundo, ecoando grito de igualdade de direitos perante os homens.

Atualmente, há a lei que ampara as mulheres vítimas de todos os tipos de violência, a Lei Maria da Penha (a qual ainda precisa de algumas reformulações, pois só o “afastamento” do agressor não é suficiente), e a Lei do Feminicídio (ocasionada pela recusa do agressor em aceitar na maioria das vezes o término da relação conjugal-afetiva).

A caminhada para haver, no Brasil, a equidade racial, de gênero e de classe é contínua e postulada em dados estatísticos que confirmam sua existência. Mas com mobilizações sociais e cobranças, por meio de documentos nas esferas públicas, a mudança por dias melhores às mulheres brasileiras - negras e pobres - pode ser alcançada de forma gradativa, porém possível de acontecer.

Por fim, Vasconcelos (2008), revisita o que ocasiona o cumprimento da falta de “direitos” à saúde mental dos indivíduos que o buscam e são afetados, principalmente, pelas políticas que regulam todo sistema governamental, seja ele municipal, estadual ou federal. Assim, enfatiza sobre a busca pelos direitos garantidos pela legislação, os quais não são cumpridos e resultam em mobilizações sociais presenciais ou virtuais:

Uma perspectiva ativa de fortalecimento do poder, participação e organização dos usuários e familiares no próprio âmbito da produção de cuidado em saúde mental, em serviços formais e em dispositivos autônomos de cuidado e suporte, bem como em estratégias defensivas de direitos, de mudança da cultura relativa à doença e saúde mental difusa na sociedade civil, de exercício do controle social no sistema de saúde e de militância social. (Vasconcelos, 2008, p.60).

Portanto, o início da luta pela “igualdade de direitos”, no Brasil, iniciou-se e não tem prazo para o seu término, pois boa parte dos brasileiros, principalmente, as brasileiras estão bem mais instruídas e buscando e compartilhando conhecimento com outras mulheres. Assim, a longo prazo, essa realidade pode estar próxima de acontecer, e deixará de ser uma utopia - a igualdade de direitos entre homens e mulheres brasileiras.

Deve-se considerar, que os Contos de Conceição Evaristo trazem à tona a discussão de questões voltadas a teoria do feminismo negro, com abordagem implícita do racismo, gênero e classe. Em síntese, da condição de luta da mulher negra no cenário brasileiro.

Ora, a análise de Conceição Evaristo aponta que os sistemas político-econômicos do capitalismo e do imperialismo envolvem a realidade de mulheres que cresceram na pobreza, mas também daquelas que foram oprimidas pelos seus maridos, considerando que mulheres negras seriam apenas para fazerem trabalhos de domésticas, ou para servirem sexualmente aos seus maridos, ou, ainda, de servirem de prostitutas.

Essa análise se refere a afirmativa de Nogueira (1999, p. 44) quando afirma:

Ainda que hoje a mulher negra encontre outras condições de vida não é fácil livrar-se desse lugar, principalmente no que se refere à sexualidade. Mesmo que aparentemente mais assimilados na cultura brasileira, os negros, em particular a mulher negra, se vêem aprisionada em alguns lugares: a sambista, a mulata, a doméstica, herança desse passado histórico.

A perda da dimensão da classe social, em termos de luta de classes, no seio do capitalismo, tornando-se mera descrição de quantidade de riqueza possuída e de acesso ao consumo. Em termos quantitativos, faz-se o jogo do liberalismo, este oposto a um entendimento crítico da interseccionalidade. A esse respeito, bell hooks (2020, p. 7) explicou como “a ideologia do ‘individualismo competitivo, atomista e liberal’ permeou o feminismo em uma extensão que chegou a minar, em certo ponto, o radicalismo potencial da luta feminista.

Essa realidade perdurou por milhares de anos, mas graças a mulheres corajosas, como Carol Hanisch (2006), hooks (2020) e Conceição Evaristo (2014), que evidenciam o que podemos considerar como trabalho do empoderamento feminista, emergiram expressando a insatisfação em relação a muitas exigências e normas impostas pela sociedade. A bandeira feminista conquistou voz e espaço e, gradualmente, as mulheres estão alcançando voos altos em diversas áreas.

O empoderamento feminista está bem presente na literatura contemporânea brasileira, como nos contos de Conceição Evaristo: Olhos d' água (o abandono do homem, a fuga da sua responsabilidade, e a protagonista assumindo o papel de pai-mãe), Ana Davenga (a erotização define seu caráter e a violência social cerca sua trajetória) e Duzu-Querença (o abandono na infância de sua genitora, e as variadas violências física, psicológica, moral e sexual sofridas foram determinantes para a vida tida por ela).

Ao longo da história, a estrutura patriarcal dominou os lares e exerceu considerável influência na sociedade. Nesse cenário, ao longo de décadas, o homem ocupou consistentemente o lugar de destaque, enquanto a mulher desempenhava o papel de suporte para auxiliá-lo a manter essa posição. Além disso, cabia a ela a responsabilidade de criar os filhos, cuidar da casa e realizar uma infinidade de atividades diárias, enquanto seus próprios sonhos eram muitas vezes relegados ao segundo plano devido à prioridade dada ao esposo e à família.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comprova-se diante dessa pesquisa que tanto o escritor como o leitor agraciados pelo imaginário literário, ampliam a sua visão de mundo, assim, emergindo questionamentos diante das temáticas diversificadas atemporais, as quais circundam no seu meio social. Desse modo, condiciona ambos a despertarem seu lado crítico ao adentrar no universo literário, aspirando e inspirando, representando e denunciando, dialogando e posicionando-se diante dos entraves da vida diária real.

Partindo desse entendimento, o ficcional literário é o reflexo e a união das múltiplas linguagens na sua mais completa essência de conscientizar o cidadão de suas ações e consequências, frisando que somente respeitando as “diferenças” do outro, a vida será mais prazerosa e leve de ser vivida.

Então, chega-se à conclusão que, por meio da leitura e compreensão tida nos contos: Olhos d’ Água, Ana Davenga e Duzu-Querença, que Conceição Evaristo representa a denúncia, o desconforto social, enxergado na sociedade através da ficção, da poesia e da dramatização, em que o “exagero” permeia o cenário literário. Assim, a presença do diálogo é fundamental para a mensagem ser transmitida e compreendida pelo leitor.

A escrita literária contemporânea de Conceição Evaristo traz uma espécie de ficção da memória das suas vivências e, também, dos seus descendentes. Nesse sentido, cruza a ficção com a realidade, onde vida e obra se entrelaçam, e fazem a fusão entre o ficcional e o real.

De maneira diferenciada e única, Conceição Evaristo “conta suas histórias”, de forma envolvente, que conduz quem ler a vivenciar o apresentado pelo enredo, em que a troca de experiências emergem de si e de pessoas próximas, agregando valores às suas denúncias.

Por essa razão, entende-se que cada escritor(a) aborda à sua maneira assuntos atuais, com o propósito de fazer o leitor ver que a literatura põe em discussão o “ignorável” e revela, no “contar histórias”, tudo aquilo que afeta o homem e a sua convivência social.

Diante disso, as narrativas da autora apresentam e dão ênfase a multiplicidade de papéis desempenhados pelas mulheres negras no seu dia a dia, assim, entoam nas entrelinhas dos seus contos a intensidade de vozes femininas negras e a resistência de sua negritude mesmo em um cenário social de preconceito e desigualdade latente.

Nesse sentido, o leitor é conduzido a se envolver nas ações das personagens femininas ao observar e compreender aquilo que é denunciado (desigualdade social, racismo, questão de gênero, abuso sexual, transtornos mentais, dentre outros.). Possibilitando, então, abrir a visão do ser humano, a fim de fazê-lo ver o mundo ficcional e ao mesmo tempo o real, afinal a literatura também é a representação da realidade.

A escrita literária de Conceição Evaristo ganha vitalidade quando esta atinge o leitor, de forma, a fazê-lo repensar, refletir e tentar “ser” um indivíduo mais harmônico e humanizado na sociedade que habita.

Esses contos de Conceição conduzem a mulher negra e leitora a extrair deles, uma força que ecoa dos seus ancestrais, que deve repercutir em todos episódios diários, para que esta possa fazer planos, chegar aos seus objetivos, e nesse processo, acreditar em si, no seu “poder” como mulher negra em todos papéis possíveis que possa ter e exercer, e mediante isso, concretizar seus sonhos.

Em síntese, essas histórias resumem a braveza da mulher negra brasileira e afirmam que a palavra “limite” não faz parte da trajetória de vida delas, pois esta é eliminada a todo tempo perante as lutas cotidiana que enfrentam onde estão e vivem.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

BRASIL DE FATO. **Pesquisa revela que 10% da população possui 75% da riqueza mundial.** Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2021/12/14/pesquisa-revela-que-10-da-populacao-possui-75-da-riqueza-mundial#:~:text=O%20Brasil%20%C3%A9%20o%20pa%C3%ADs,mundiais%20tamb%C3%A9m%20h%C3%A1%20diferen%C3%A7as%20abruptas>. Acesso em 10 mar. 2024

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso.** Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas); Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BATLIWALA, Srilatha. **“El significado del empoderamiento de las mujeres: nuevos conceptos desde la acción”.** Em Poder y empoderamiento de las mujeres, compilado por Magdalena León, 190-210. Bogotá: Tercer Mundo Editores, Universidad Nacional de Colombia. 1997.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil.** São Paulo: Boitempo, 2018.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRASIL, **Lei n.º 12.711.** Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências, 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm Acesso em 10 mar. 2023

BRASIL **Lei nº 9.459, de 13 de Maio de 1997.** Altera os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, e acrescenta parágrafo ao art. 140 do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19459.html. Acesso em 10 fev. 2024

BRETON, David Le. **Antropologia do corpo e modernidade.** 3.ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. São Paulo: Nacional, 1976.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *In:* ASHOKA Empreendedores. **Racismos contemporâneos.** Rio de Janeiro: Takano Editora, 2011, p. 49-58.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe.** Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, Jussara; GIOVANETTI, Márcia, SANTOS, Naila Seabra. **Perguntar não ofende: Qual é a sua Cor ou Raça/Etnia? Responder Ajuda a prevenir.** Série: Prevenção às DST/Aids. São Paulo, 2009.

DUVERNAY, Ava. **A 13ª emenda.** EUA: 2016. Malkia Cy ril. Diretora-Executiva da Center for Media Justice, em depoimento no documentário A 13ª Emenda de Ava Duvernay, 2016.

Disponível em <https://sites.unipampa.edu.br/adafi/2022/02/04/a-13a-emenda-documentario/>. Acesso em 10 fev. 2024.

EVARISTO, Conceição. “**Nasci rodeada de livros**”: Escrevendo o Futuro, 07 de ago. de 2023 Homenagem da 6ª edição de Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/revista-digital/edicao/23/formacao-em-dialogo>. Acesso em 10 fev. 2024.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d’Água**. Pallas Editora, 2014a.

EVARISTO, Conceição. **Duzu-Querença**. Pallas Editora, 2014b.

EVARISTO, Conceição. **Ana da Venga**. Pallas Editora, 2014c.

EVARISTO, Conceição A Escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, Lima e NUNES, isabella (orgs.) **Escrevivência** : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020a, p. 26-46.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Lima e NUNES, Isabella (orgs.) **Escrevivência, a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020b, p. 48-54.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. Literaafro: o portal da literatura afro brasileira. 2023 .Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/literaafro/autoras/188-conceicao-evaristo#:~:text=Foi%20em%20uma%20ambi%C3%Aancia%20escolar,uma%20constru%C3%A7%C3%A3o%20de%20dois%20andares>. Acesso em 05 abr. 2024.

EVARISTO, Conceição. Depoimento. Entrevista concedida a Bárbara Araújo Machado. Rio de Janeiro, 30 set. 2010. In: MACHADO, Bárbara Araújo. “**Recordar é preciso**”: Conceição Evaristo e a intelectualidade negra no contexto do movimento negro brasileiro contemporâneo (1982-2008). Dissertação (Mestrado em História Social). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2014.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de; SILVA, Camila de Matos Silva. Zaíta a boneca negra que se desfarela em balas flores. **Cadernos de estudos culturais**, Campo Grande, MS, v. 1, p. 184-194, jan./jun. 2017.

GONZALEZ. Lélia. **Por um feminismo Afro-latino-americano.:** ensaios, intervenções e diálogo. Organização Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 2020.

HANISCH, Carol. “**The personal is Political**”. Em Notes from the Second Year: Women’s Liberation, organizado por S. Firestone e A. Koedt, 1-5. New York: New York Radical Women, 2006. Disponível em: <http://www.carolhanisch.org/CHwritings/PIP.html>. Acesso em 14 fev. 2024.

hooks, bell. **E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

KELLER, Evelyn Fox. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? **Cadernos Pagu**, n. 27, 2006, p. 13-34. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/bSBYcTg9zPV55wBnbQkkpCb/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em 14 fev. 2024.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Pesquisa de Orçamentos Familiares**. 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/24786-pesquisa-de-orcamentos-familiares-2.html?=&t=downloads>

INSTITUO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Estudos revelam impacto da redistribuição de renda no Brasil. 2023. Disponível em <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/13909-estudos-revelam-impacto-da-redistribuicao-de-renda-no-brasil>. Acesso em 20 mar. 2024

LAVILLE, Christian; Dionne, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed: Belo Horizonte: Editora UFMQ 1999.

LIMA, Omar da Silva. **O comprometimento etnográfico afro-descendente das escritoras negras Conceição Evaristo e Geni Guimarães**. 172 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). Brasília, Universidade de Brasília, 2009. Disponível em http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/4137/1/2009_OmardaSilvaLima.pdf

LEÓN, Magdalena León. El empoderamiento de las mujeres: encuentro del primer y tercer mundos em los estúdios de género. **La Ventana**, n. 13, p. 94-106, 2001. Disponível em: <http://148.202.18.157/sitios/publicacionesite/ppperiod/laventan/Ventana13/ventana13-4.pdf>. Acesso em 10 mar. 2024

McCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial: Raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Campinas, Editora da Unicamp, 2010.

NOGUEIRA, Isildinha B. O corpo da mulher negra. **Pulsional Revista de Psicanálise**, ano XIII, nº 135, 1999, p. 40-45. Disponível em <https://negrasoulblog.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/04/o-corpo-da-mulher-negra-isildinha-b-nogueira.pdf>

PEREIRA, Humberto Gomes; LISBOA, Natália de Souza. Análise decolonial das personagens femininas da obra Olhos d'Água, de Conceição Evaristo. **ANTARES: Letras e Humanidades**, Caxias do Sul, v. 11, n. 22, jan./abr. 2019, Disponível em https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/12485/1/ARTIGO_An%c3%a1liseDecolonialPersonagens.pdf

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. São Paulo: EDUSC, 2005.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos Avançados** 18 (50), 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/mJqCRgkgYfJzbnmfBJVHR9x/?format=pdf&lang=pt>

NEXO JORNAL. **Entrevista a Conceição Evaristo**. 2021Disponível em <https://www.nexojournal.com.br/entrevista/2017/05/26/conceicao-evaristo-minha-escrita-e-contaminada-pela-condicao-de-mulher-negra>. Acesso em 20 abr. 2024

NUNES, Sylvia da Silveira. Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de uma violência explícita. **Psicol. USP** [online], vol.17, n.1, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/kQXPLsM8KBkZYsBTnTGhvmj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 09 fev. 2024

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **Conhecimento e cidadania**: quando a leitura se impõe como mais necessária ainda? Campinas: Autores Associados, 2003.

SOUSA E SILVA, Assunção de Maria. **EscreVivência**: itinerário de vidas e de palavras. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

WOUTERS, Cas. Sexualização e Erotização. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, out./dez. 2017, p. 1217-1237.



UPF

UNIVERSIDADE
DE PASSO FUNDO

UPF Campus I - BR 285, São José
Passo Fundo - RS - CEP: 99052-900
(54) 3316 7000 - www.upf.br